ISABEL CRISTINA FERRARIA MENDES CONDE

MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA
DO LUGAR AO ESPAÇO

Orientador: Prof. Doutor Hugo Nazareth Fernandes

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes, Arquitectura e Tecnologias da Informação - ECATI

Departamento de Arquitectura

Lisboa

2023

ISABEL CRISTINA FERRARIA MENDES CONDE

MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA
DO LUGAR AO ESPAÇO

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 7 de Dezembro de 2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 430/2023, de 6 de Novembro de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Arguente: Profª. Doutora Maria Luísa Alves de Paiva Meneses de Sequeira

Orientador: Prof. Doutor Hugo Philipe Herrenschmidt Nazareth Fernandes Cerqueira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes, Arquitectura e Tecnologias da Informação - ECATI

Departamento de Arquitectura

Lisboa

2023

Dedico este trabalho aos meus pais, António e Gertrudes,
as minhas mais resistentes fundações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o maior agradecimento aos meus pais, por tudo.

Agradeço à família e aos amigos, a todos os que me acompanharam no decorrer deste percurso e que foram fundamentais para a sua conclusão.

Agradeço particularmente, ao Ângelo, à Fátima e à Renata.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Doutor Hugo Nazareth Fernandes, que fez parte do meu percurso académico em diferentes fases e que aceitou acompanhar-me na conclusão deste ciclo, obrigada por todo o apoio.

Agradeço à Câmara Municipal de Sesimbra, nas pessoas do Técnico Superior Rui Marques e do Arquitecto Armindo Pombo, pela disponibilidade e partilha de conhecimento.

Agradeço à equipa do Arquivo Municipal da Câmara de Sesimbra, pelo tempo e atenção que dedicaram à minha pesquisa.

RESUMO

O propósito da presente dissertação é abordar a relação entre os conceitos de lugar e espaço em arquitectura - o Lugar, Sesimbra e o Espaço, o Museu.

Mais do que entender o lugar, neste caso a vila de Sesimbra, pretende-se compreender como se pode chegar de um lugar a um espaço arquitectónico, o Museu Marítimo de Sesimbra. Importa entender as origens da vila, o desenvolvimento do núcleo urbano que surge principalmente, por influência do mar; e também como um espaço arquitectónico, o museu, pode ser representativo desse lugar, dessa identidade e cultura marítimas.

Neste contexto, o trabalho organiza-se segundo uma metodologia que pressupõe um enquadramento teórico com o estudo e análise dos conceitos que o regem; destacando os conceitos de lugar, espaço e museu.

Por forma a retirar conclusões e tomar decisões assertivas aquando da apresentação da proposta para um novo museu, foram analisados estudos de caso que se enquadram nestas temáticas e também vários outros elementos que apoiam o desenvolvimento deste trabalho.

A compreensão dos temas abordados serviu de premissa para a escolha do local de implantação e como se poderia desenvolver uma proposta para o novo museu.

Palavras-Chave: Arquitectura; Espaço; Lugar; Museu; Sesimbra; Topologia.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to address the relationship between the concepts of place and space in architecture - Place, Sesimbra and Space, the Museum.

More than understanding the place, in this case the town of Sesimbra, the aim is to understand how one can get from a place to an architectural space, the Maritime Museum of Sesimbra. It is important to understand the origins of the village, the development of the urban core that arises mainly under the influence of the sea; and as an architectural space, the museum can be representative of that place, that maritime identity and culture.

In this context, the work is organized according to a methodology that presupposes a theoretical framework with the study and analysis of the concepts that govern it; highlighting the concepts of place, space and museum.

To draw conclusions and take assertive decisions when submitting the proposal for a new museum, case studies that fall under these themes were analyzed, as well as several other elements that support the development of this work.

Understanding the topics covered served as a premise for choosing the location for implementation and how a proposal for the new museum could be developed.

Keywords: Architecture; Space; Place; Museum; Sesimbra; Topology.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AMS - Arquivo Municipal de Sesimbra

CMS - Câmara Municipal de Sesimbra

DIE - Direcção de Infraestruturas do Exército

ICOM - International Council of Museums

MDN - Ministério da Defesa Nacional

MMG - Museu do Mar da Galiza

MMI - Museu Marítimo de Ílhavo

MMS - Museu Marítimo de Sesimbra

QREN - Quadro de Referência Estratégica Nacional

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS 4

RESUMO 5

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 7

ÍNDICE DE FIGURAS 10

INTRODUÇÃO 12

JUSTIFICAÇÃO DO TEMA 12

OBJECTIVOS 13

METODOLOGIA DE TRABALHO 14

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 14

1. LUGAR, EDIFÍCIO, PROGRAMA 15

1.1. DO ESPAÇO AO LUGAR, PARA VOLTAR AO ESPAÇO 15

1.2. A ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CONCEITO MUSEU 19

1.3. MUSEU: DEFINIÇÃO E CONCEITOS 24

1.4. A NOVA MUSEOLOGIA 24

1.5. A EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO DO MUSEU NA SOCIEDADE 26

1.6. A TEMÁTICA DOS MUSEUS MARÍTIMOS 27

1.7. CASOS DE ESTUDO 30

1.7.1. CENTRO DAS ARTES – CASA DAS MUDAS 31

1.7.2. MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO 34

1.7.3. MUSEU DO MAR DA GALIZA 38

2. SESIMBRA E/É O MAR 42

2.1. SESIMBRA: ORIGEM E HISTÓRIA 42

2.2. SESIMBRA COMO LUGAR 46

2.3. UM MUSEU MARÍTIMO EM SESIMBRA 48

2.4. ORIGEM DO MUSEU 49

2.5. O MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA NA FORTALEZA DE SANTIAGO 51

2.6. MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA – SITUAÇÃO ACTUAL 55

3. NOVO MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA..... 63

3.1. NOVO MUSEU: A ESCOLHA DO LUGAR 63

3.2. PROGRAMA PARA O NOVO MUSEU 67

3.3. PROPOSTA PARA O NOVO MUSEU 75

CONCLUSÃO 78

BIBLIOGRAFIA 79

APÊNDICE I - MAQUETAS DE ESTUDO I

APÊNDICE II - ESTUDO PRÉVIO – MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA III

APÊNDICE III – MAQUETAS FINAIS IV

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 | ANTIGA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA, MUSEU EM ALEXANDRIA..... 19
FIGURA 2 | GALERIA UFFIZI – PLANTA PISO 0..... 20
FIGURA 3 | MUSEU BRITÂNICO EM LONDRES 21
FIGURA 4 | GRANDE GALERIA DO LOUVRE POR HUBERT ROBERT (1796) 22
FIGURA 5 | MUSEU DA VIDA RURAL 23
FIGURA 6 | MUSEOLOGIA TRADICIONAL VERSUS NOVA MUSEOLOGIA. 25
FIGURA 7 | PROJETO PARA UM MUSEU GENÉRICO DE J.N.L.DURAND, 1803. 27
FIGURA 8 | PROJETO DE UM MUSEU, E.L. BOULLÉE, 1783 - MODELO GENÉRICO. 28
FIGURA 9 | CENTRO DAS ARTES-CASA DAS MUDAS. 31
FIGURA 10 | CENTRO DAS ARTES-CASA DAS MUDAS. 32
FIGURA 11 | CENTRO DAS ARTES-CASA DAS MUDAS. CORTE S/E. 33
FIGURA 12 | MMI - PANORÂMICA 34
FIGURA 13 | MMI – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO, S/E. 35
FIGURA 14 | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DOS TRÊS EDIFÍCIOS: MMI, CIEMAR E AQUÁRIO DOS BACALHAUS, S/E. 36
FIGURA 15 | PROJECTO DE AMPLIAÇÃO MMI – CORTE, S/E. 37
FIGURA 16 | MUSEU DO MAR DA GALIZA, VISTA AÉREA. 38
FIGURA 17 | MMG – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO, S/E. 39
FIGURA 18 | MMG – GALERIA. 40
FIGURA 19 | VILA DE SESIMBRA VISTA DO CASTELO. 42
FIGURA 20 | FOTOGRAFIA DE GRAVURA EXPOSTA NO CASTELO DE SESIMBRA. 43
FIGURA 21 | PLANTA DE SESIMBRA DATADA ENTRE 1568-1570, S/E. 44
FIGURA 22 | BAÍA DE SESIMBRA COM A LOCALIZAÇÃO DOS DOIS FORTES ASSINALADA A TRACEJADO. 45
FIGURA 23 | CEZIMBRA, DESENHO DO NATURAL POR CASELLAS, IN O OCCIDENTE, N° 208, 1 DE OUTUBRO 1884. 46
FIGURA 24 | VISTA GERAL DE SESIMBRA. 47
FIGURA 25 | ANTIGAS INSTALAÇÕES DO MMS, NO LARGO LUÍS DE CAMÕES. 49
FIGURA 26 | ANTIGAS INSTALAÇÕES DO MMS. 50
FIGURA 27 | FORTALEZA DE SANTIAGO. 51
FIGURA 28 | PLANTA DA FORTALEZA DE SANTIAGO, 1700 – 1900 (DIE-EXÉRCITO PORTUGUÊS). 52
FIGURA 29 | COLÓNIA BALNEAR NA FORTALEZA DE SANTIAGO. 53
FIGURA 30 | PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA FORTALEZA DE SANTIAGO, S/E. 55
FIGURA 31 | DIAGRAMA 1 - PLANTA ESQUEMÁTICA DE ESPAÇOS EXTERIORES E INTERIORES DA FORTALEZA DE SANTIAGO, S/E. 56
FIGURA 32 | ESPAÇO MULTIUSOS, FORTALEZA DE SANTIAGO. ISABEL CONDE, 2019 56
FIGURA 33 | TERREIRO, FORTALEZA DE SANTIAGO..... 56
FIGURA 34 | PLANTA DA FORTALEZA DE SANTIAGO (2ª FASE DA INTERVENÇÃO), S/E..... 56

FIGURA 35 | ESPAÇO COMUM AO MMS E À FORTALEZA DE SANTIAGO. 57
FIGURA 36 | ESPAÇO EXCLUSIVO DO MMS. 57
FIGURA 37 | DIAGRAMA 2 - PLANTA ESQUEMÁTICA DE ESPAÇOS DO MMS, ESPAÇOS COMUNS E ESPAÇOS NÃO AFECTOS AO MMS, S/E | ISABEL CONDE, 2019 57
FIGURA 38 | ESPAÇO NÃO AFECTO AO MMS. 57
FIGURA 39 | ENTRADA DA FORTALEZA DE SANTIAGO. 58
FIGURA 40 | DIAGRAMA 3 - PLANTA ESQUEMÁTICA DO ACESSO À FORTALEZA DE SANTIAGO, S/E. 58
FIGURA 41 | RUA DA FORTALEZA, SENTIDO POENTE/NASCENTE. 58
FIGURA 42 | RUA DA FORTALEZA, SENTIDO NASCENTE/POENTE. 58
FIGURA 43 | PLANTA DA FORTALEZA DE SANTIAGO PISO 0 (2ª FASE DA INTERVENÇÃO), S/E 59
FIGURA 44 | DIAGRAMA 4 - PLANTA ESQUEMÁTICA DE CIRCULAÇÃO DO MMS, PISO 0 S/E. 59
FIGURA 45 | MMS - ACESSO AO ELEVADOR 59
FIGURA 46 | MMS - INÍCIO DO PERCURSO MUSEOLÓGICO. 59
FIGURA 47 | ENTRADA MMS. 59
FIGURA 48 | ACESSO À BILHETEIRA/POSTO DE TURISMO E À LOJA . ISABEL CONDE, 2019. 59
FIGURA 49 | ENTRADA DA FORTALEZA DE SANTIAGO. 59
FIGURA 50 | PLANTA DA FORTALEZA DE SANTIAGO PISO 1 (2ª FASE DA INTERVENÇÃO), S/E 60
FIGURA 51 | DIAGRAMA 5 - PLANTA ESQUEMÁTICA DE CIRCULAÇÃO DO MMS, PISO 1 S/E. 60
FIGURA 52 | ACESSO À 2ª PARTE DO PERCURSO MUSEOLÓGICO. 60
FIGURA 53 | PARTE DO PERCURSO EXTERIOR. 60
FIGURA 54 | SAÍDA DA 1ª PARTE DO PERCURSO MUSEOLÓGICO FEITA POR ESCADAS EM CARACOL. 60
FIGURA 55 | ACESSO ÀS ESCADAS PARA SAÍDA DA 1ª PARTE DO PERCURSO MUSEOLÓGICO 60
FIGURA 56 | ACESSO AO ELEVADOR ISABEL CONDE, 2019. 60
FIGURA 57 | IMAGEM AÉRA DA BAÍA DE SESIMBRA COM OS DOIS FORTES ASSINALADOS A LARANJA; A TRACEJADO VERMELHO, ESTÁ ASSINALADA A LOCALIZAÇÃO DO CAIS PRIMITIVO; A TRACEJADO VERDE ESTÁ ASSINALADA A LOCALIZAÇÃO DO NOVO MUSEU. 63
FIGURA 58 | VISTA SOBRE O PORTO DE ABRIGO. 64
FIGURA 59 | EDIFÍCIO DO CLUBE NAVAL DE SESIMBRA. 65
FIGURA 60 | FORTE DE SÃO TEODÓSIO (TAMBÉM CONHECIDO COMO FORTE DA PONTA DO CAVALO OU FORTE DO CAVALO). 66
FIGURA 61 | ORGANOGRAMA DO MUSEU. 67
FIGURA 62 | ESQUEMA DE DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS QUE SERVIU DE BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO DO MUSEU, PISO -1 E 0, S/E. 68
FIGURA 63 | ESQUEMA DE DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS QUE SERVIU DE BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO DO MUSEU, PISO 1 E 2 S/E. 69
FIGURA 64 | ESQUIÇO. 75
FIGURA 65 | PLANTA DE IMPLANTANÇÃO, S/E. 76

INTRODUÇÃO

Lugar e espaço são conceitos intrínsecos à arquitecura, pensados e estudados há muito. O objecto de estudo desenvolvido nesta dissertação é a relação entre os dois conceitos; entender o conceito de lugar como uma realidade não só física, mas também social e cultural e partir daí para a apresentação de uma proposta para um espaço, neste caso um museu.

Como ponto de partida, foi definida uma problemática a desenvolver nesta dissertação e está sintetizada na pergunta de partida - “De que forma pode a arquitectura de um museu representar uma abordagem topológica do lugar?". Pretende-se chegar a uma resposta formalizada na proposta de um novo museu, a escolha do local para implantação e a elaboração do seu projecto como se de um concurso de arquitectura se tratasse.

O desenvolvimento deste trabalho pressupõe a valorização e a exposição da cultura e identidade marítimas em Sesimbra, assim como, a aproximação à sua comunidade através do museu. Demonstrando como através do processo de análise, estudo e conhecimento do lugar se pode chegar à proposta de um espaço – um novo Museu Marítimo de Sesimbra.

De acordo com as tendências museológicas, o museu é um local privilegiado de interação entre a população e determinadas manifestações culturais quer do passado quer contemporâneas. O museu enquanto edifício de excepção contribui para a redefinição de um lugar em sentido alargado e propõe também uma nova aproximação ao local de implantação da proposta, a zona poente da vila de Sesimbra junto ao Porto de Abrigo.

Um novo espaço e outra localização podem dar outra visibilidade a um acervo, actualmente instalado na Fortaleza de Santiago, um edifício que apresenta várias condicionantes arquitectónicas e museológicas; assim como, contribuir para a memória viva de várias actividades marítimas, entre elas a piscatória, enquanto definidoras do lugar que é Sesimbra.

JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

O tema deste trabalho surgiu há já algum tempo, cerca de 13 anos; altura em que pela primeira vez me questionei sobre possíveis assuntos que seriam do meu interesse e que fariam sentido desenvolver na dissertação.

Sempre vivi a escassos quilómetros da vila de Sesimbra, essa vivência originou uma relação forte com o lugar. A convivência com pessoas ligadas a diversas actividades marítimas deu lugar a uma relação afectiva que ganhou outros contornos, não só com meu desenvolvimento pessoal, mas também com a percepção e conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação. A visão académica apurou o olhar crítico e capacitou-me como observadora.

Há 13 anos atrás, o acervo do chamado Museu Marítimo de Sesimbra encontrava-se guardado em instalações provisórias da CMS, como explicarei adiante. Na época, fazia todo o sentido a criação do projecto de um museu, um espaço pensado para a função museológica, que pudesse albergar o acervo nas devidas condições, dando-o a conhecer à comunidade e a todos os possíveis visitantes.

A relação com Sesimbra, a questão de não existir de facto um museu e o interesse pela arquitectura de espaços públicos ligados à cultura conduziram a este tema.

No entanto, quando este ano me propus concluir a dissertação, questionei-me se, passados 13 anos, o que tencionava expôr ainda fazia sentido. Houve uma reflexão sobre a questão, dado que hoje o MMS se encontra em novas instalações e aberto ao público. Ainda assim, tendo em conta uma análise critica sobre a temática dos museus como espaços arquitectónicos e especificamente sobre o MMS, concluí que a problemática que pretendo desenvolver ainda se justifica.

Um novo museu pode contribuir para reforçar a identidade do lugar e dinamizar a relação com o extremo poente da vila, local onde se desenvolvem grande parte das actividades marítimas, junto do porto de abrigo e do Forte de São Teodósio.

OBJECTIVOS

O presente trabalho, tem como objectivo final formalizar uma proposta de projecto arquitectónico para um novo Museu Marítimo de Sesimbra, que traduza a relação entre o lugar e o espaço arquitectónico. Sendo essencial, definir e compreender os elementos que o vão estruturar.

- Estudo de conceitos teóricos: lugar, espaço e museu.
- Compreensão e análise dos estudos de caso seleccionados.
- Compreensão do conceito de Nova Museologia.
- Estudo e análise crítica do museu existente.
- Escolha do lugar de implantação para a proposta do novo museu.
- Definição de programa para o novo museu.
- Proposta de projecto para o novo museu, com um processo de observação, estudo e exploração de traçados orientadores para a implantação. Pesquisa sobre projectos de museus contemporâneos.

Do estudo e compreensão destes tópicos orientadores, resultará a proposta do projecto para o novo museu.

METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia deste trabalho desenvolveu-se segundo os seguintes princípios:

- Estudo e análise dos conceitos de lugar e espaço na arquitectura;
- Estudos de caso (topológicos) em contexto semelhante ao proposto;
- Estudos de caso (tipológicos) com o tipo de programa semelhante ao proposto;
- Estudo do museu como espaço arquitectónico;
- Estudo sobre a vila de Sesimbra;
- Leis e normas vigentes;
- Execução de maquetas;
- Levantamento fotográfico.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A consulta bibliográfica foi organizada segundo a relevância dos temas abordados na dissertação, tendo em vista a importância da sua compreensão para uma melhor apresentação de resposta aos objectivos propostos. Destacam-se os conceitos gerais de arquitectura, lugar, espaço, topologia e museu.

A bibliografia consultada foi estruturada segundo os diversos assuntos abordados:

- A questão e a lógica do lugar, a topologia;
- A tipologia associada aos edifícios de museus;
- O conceito de Nova Museologia e a história dos museus;
- A história da vila de Sesimbra, o seu desenvolvimento urbano e a arquitectura.
- As comunidades piscatórias em Portugal, em particular, a comunidade piscatória de Sesimbra, que actualmente é uma comunidade marítima.
- PDM de Sesimbra.

1. LUGAR, EDIFÍCIO, PROGRAMA

Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais.

Lewis Mumford

1.1. DO ESPAÇO AO LUGAR, PARA VOLTAR AO ESPAÇO

Tal como a Arquitectura, também o lugar é uma "construção" do homem. E se o lugar existe sem arquitectura, a arquitectura não existe sem um lugar. Podemos raciocinar sobre arquitectura no abstracto, ou sobre um espaço que existe no nosso imaginário, mas não é disso que se trata. Um dos objectivos desta dissertação é explorar a relação entre um lugar e um espaço arquitectónico concretos – Sesimbra e um Museu.

É a relação entre um espaço e o Homem que dá origem ao lugar, e nesse lugar serão, ou não, construídos espaços. Isto remete-nos para uma questão: a de que existem diversos tipos de espaços - espaços construídos e não construídos, espaços naturais e espaços arquitectónicos, sendo este último um dos objectos deste estudo.

Em Arquitectura, os conceitos de lugar e espaço estão intrinsecamente relacionados, apesar das abordagens diferentes. A relação destes dois conceitos na Arquitectura é complexa e interdependente. O lugar informa o espaço e é moldado por ele, enquanto o espaço proporciona o cenário físico para a experiência do lugar. O projecto arquitectónico procura criar espaços que sejam sensíveis ao lugar, respondendo às suas características e promovendo uma sensação de pertença e identidade.

O conceito de lugar refere-se à compreensão e interpretação de um local específico com suas características únicas, históricas, culturais, sociais e ambientais. É uma noção subjectiva e complexa, por envolver a relação entre o espaço físico e as experiências humanas, memórias e significados atribuídos a esse espaço. O lugar na arquitectura envolve a compreensão das qualidades distintas de um local, sua identidade e contexto, e como esses elementos podem influenciar o projecto arquitectónico.

O conceito de espaço refere-se à dimensão física tridimensional em que a arquitectura existe. É a extensão física na qual os objectos, as pessoas e as actividades acontecem. O espaço arquitectónico pode ser compreendido em termos de volume, forma, proporção, luz, materiais e texturas. É uma dimensão objectiva e mensurável. O espaço na arquitectura é

projectado e organizado para dar resposta a funções específicas, assim como proporcionar experiências sensoriais.

O lugar constitui um dos referenciais fundamentais à vida, em vários aspectos do quotidiano, dos afectos e dos ideais, importa, então, entender de que forma pode ser interpretado o conceito de lugar.

Christian Norberg-Schultz contribuiu de forma significativa para os estudos que se fundamentam na definição de lugar. Os seus pensamentos sobre a teoria do lugar desenvolveram-se partindo da dimensão existencial. Para o autor, o lugar é a manifestação concreta da habitação do homem, e a sua identidade obedece ao sentido de pertença a lugares. Nesse sentido, os lugares são palco dos acontecimentos da existência humana, são também referências, pontos através dos quais nos orientamos e apreendemos o que está ao redor. Cada indivíduo tem um espaço pessoal (ou área) que delimita a sua própria extensão dentro de um determinado lugar.

Para o autor, um lugar é mais do que um espaço físico; é uma entidade com significado e identidade próprios. Segundo ele, o lugar é definido por três elementos principais: o espaço, *genius loci* e a existência humana.

O espaço é a dimensão física do lugar, a sua configuração e organização. Inclui a disposição de elementos arquitectónicos e urbanos, como edifícios, ruas e praças, bem como de elementos naturais, como o terreno, a vegetação e a água. O espaço é o suporte físico onde as actividades humanas ocorrem.

Em *Genius Loci, Towards a Phenomenology in Architecture*, o autor introduz outro conceito, o *genius loci* (Norberg-Schulz 1980), que vem do latim e significa "espírito do lugar". *Genius loci*, refere-se à qualidade distintiva e única de um lugar. Combina elementos físicos, culturais e históricos que conferem uma identidade particular a um local. Essa identidade é moldada pela cultura, história, clima, topografia e outros factores que influenciam a forma como as pessoas apreendem e experimentam o lugar. Norberg-Schulz procura na filosofia grega a reflexão sobre o conceito de lugar. Os gregos consideravam que cada lugar era regido por uma divindade - ou o espírito do lugar, o *genius loci.* Acreditavam que o lugar assumia as características da divindade, conferindo-lhe carácter e faziam-no numa tentativa de antropomorfizar o espaço.

Com a existência humana, o autor dá ênfase à importância da relação entre o lugar e as pessoas que o habitam. O lugar adquire significado através da experiência e da interacção humana. É onde as pessoas vivem, trabalham, interagem e constroem as suas relações sociais. A existência humana no lugar influencia e, de certa forma, determina a forma como o lugar é moldado e vivenciado.

De forma pragmática, o lugar é um espaço ao qual foi atribuído significado

e definição, estes são-lhe atribuídos pelo homem. Se são as características de um local que potenciam a sua ocupação, posteriormente, serão também as suas gentes e a forma como o ocupam, vivem e transformam que lhe conferem significado, dando origem a um lugar. A definição de um lugar está, portanto, necessariamente associada à presença humana. O lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado, uma vez que uma das suas definições sugere sentido de povoado, região e país.

Assim como o conceito de lugar, também o conceito de espaço é fundamental em Arquitectura. O conceito de espaço abrange a dimensão física e perceptiva dos ambientes criadas pelos arquitectos. O espaço arquitectónico diz respeito à organização e configuração de elementos construídos, como paredes, pisos, tectos, aberturas e volumes, bem como a forma como esses elementos interagem entre si e com o ambiente envolvente.

Em Arquitectura podemos entender o espaço de diferentes formas, dependendo do contexto e da abordagem teórica adoptada. Ainda assim, existem algumas perspectivas comuns:

Espaço como volume: Nesse sentido, o espaço é considerado como uma "caixa" tridimensional delimitada pelos elementos arquitectónicos. É a "substância" que preenche e define a área dentro de um edifício ou ambiente construído. Os arquitectos procuram manipular e organizar volumes espaciais para criar diferentes qualidades e experiências arquitectónicas.

Espaço como vazio e forma: Essa perspectiva enfatiza a interacção entre o espaço vazio e as formas construídas. O espaço é visto como o vazio que dá forma e define os elementos arquitectónicos. É a relação entre o sólido e o vazio que cria as proporções, a escala e a geometria do espaço arquitectónico.

Espaço como experiência e percepção: Aqui o espaço é considerado em termos de como é vivenciado e percebido pelas pessoas. Tem em conta aspectos sensoriais, como luz, som, textura e cor, bem como a escala, a proporção e a disposição dos elementos arquitectónicos. A qualidade do espaço arquitectónico pode influenciar as emoções, o comportamento e o bem-estar das pessoas que o habitam.

Sendo o espaço um conceito fundamental em Arquitectura, ao longo dos tempos muitos têm sido os arquitectos que contribuíram para o seu estudo. Aqui são referidas, de forma sucinta, as abordagens ao conceito de espaço segundo Le Corbusier, Louis Kahn e Peter Zumthor.

Le Corbusier explora o espaço através da proporção, da modulação e do uso inovador de elementos como pilotis e fachadas livres.

Louis Kahn apresenta uma abordagem poética do espaço, em que utiliza materiais naturais, luz natural e a estuda a relação entre massa e vazio para criar espaços de grande impacto emocional.

Nos seus estudos sobre o espaço, o arquitecto Peter Zumthor mostra sensibilidade no que concerne à atmosfera e experiência sensoriais dos espaços. Os seus projectos concentram-se na materialidade, na luz e na relação com a envolvente.

Num projecto de arquitectura, o arquitecto deve considerar tanto as características do lugar em que o edifício será implantado quanto as necessidades e intenções do programa arquitectónico. O espaço é moldado e organizado para se adequar ao lugar e proporcionar uma experiência significativa aos utentes. O lugar surge como a dimensão mais ampla e subjectiva que envolve o contexto, a identidade e a relação emocional com o espaço, enquanto o espaço é a dimensão física e objectiva em que a arquitectura é projectada e vivenciada. A relação entre ambos é fundamental para criar ambientes significativos e funcionais. Como tal, podemos dizer que a Arquitectura tem a sua génese quando as intenções e os objectivos se cruzam sobre uma ideia e um território.

Importa ainda referir o conceito de topologia, que apesar de ser uma área da Matemática pode relacionar-se com a Arquitectura em certos pontos. Podemos enumerar aspectos como a organização espacial, a manipulação de superfícies e o estudo de formas e do espaço vazio.

Na Arquitectura o uso da topologia permite explorar a ligação, a continuidade e as relações espaciais de forma conceptual, influenciando a organização espacial, a forma arquitectónica e a experiência dos utentes.

É importante observar que a relação entre topologia e arquitectura pode variar dependendo do contexto e da abordagem de cada arquitecto. Alguns podem incorporar princípios topológicos explícitos no processo do projecto, enquanto outros podem explorar elementos relacionados à topologia de forma implícita ou intuitiva.

1.2. A ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CONCEITO MUSEU

A génese do museu como demonstração da necessidade humana de coleccionar, apresentar imagens, objectos e protegê-los é algo que remonta a tempos antigos. Vem da pré-história, tomando como exemplo, os desenhos de bisontes nas cavernas de Lascaux. Nos templos egípcios e gregos eram expostas estátuas de deuses, mas estavam acessíveis apenas àqueles que os frequentavam. Mais tarde, nas cidades gregas surgiram pequenos edifícios designados por *pinakotheke* acessíveis a todos os cidadãos, onde eram colocadas pinturas em pranchas.

A palavra museu surge mais tarde e a sua origem etimológica vem do latim *museum*, que por sua vez, deriva do grego *mouseion*[1] e que se refere a um lugar ou a um templo dedicado às Musas - divindades na mitologia grega que inspiravam as artes do povo daquela época.

Existe a referência de que no séc. III a.c., foi fundado um edifício integrado na antiga Biblioteca de Alexandria chamado *Mouseion*, em que eram expostas estátuas de filósofos, objetos astronómicos e cirúrgicos, e um parque zoobotânico.

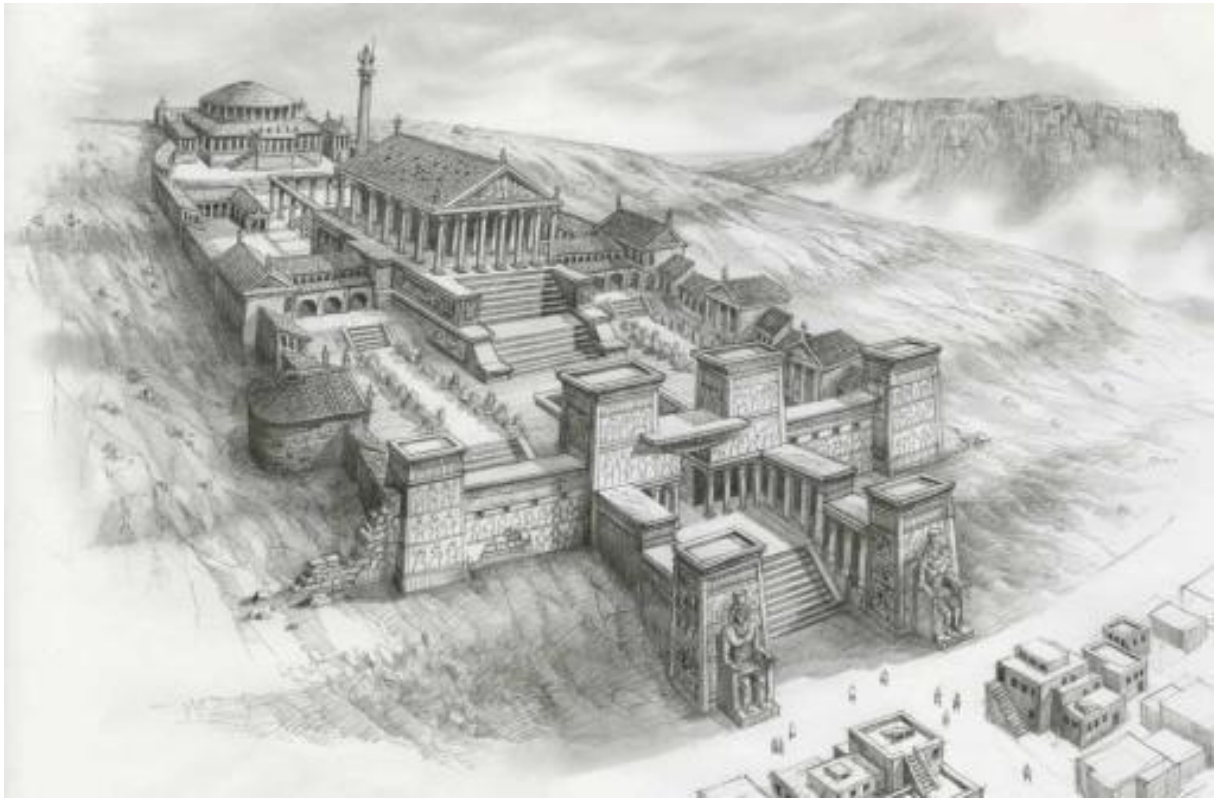


Figura 1 | Antiga Biblioteca de Alexandria, Museu em Alexandria.
http://www.crystalinks.com/libraryof alexandria.html

[1] https://origemdapalavra.com.br/artigo/museu/

No entanto, o aparecimento dos primeiros museus como os conhecemos hoje ocorreu durante o Renascimento europeu, entre os séculos XV e XVI. No decorrer desse período, monarcas e colecionadores começaram a reunir e exibir suas coleções privadas de arte, antiguidades em salas ou edifícios específicos. À medida que essas coleções se tornavam cada vez mais extensas e organizadas, começaram a surgir as primeiras instituições dedicadas exclusivamente à exposição desses objetos. Exemplo disso, é a *Galleria degli Uffizi* (fundada em 1581) que foi uma das primeiras galerias públicas de arte do mundo e que é, actualmente um museu.

Figura 2 | Galeria Uffizi – Planta Piso 0
https://www.cantierecreativo.net/portfolio/mappe-gallerie-degli-uffizi/

No princípio do século XVIII era comum que os artefactos pertencessem a colecções particulares, às quais tinham acesso um reservado número de pessoas. Ainda no séc. XVIII, com o Iluminismo, os museus surgem como espaços mais formais, institucionalizados, tornando-se fundamentais na educação da sociedade.

O conceito de museu passou por uma grande transformação no final do século XIX. A ideia pioneira de que as colecções devem estar acessíveis a um público amplo e não apenas

às elites, surge com a abertura do Museu Britânico em Londres, em 1759, e o Museu do Louvre em Paris, em 1793. Nesse sentido, o carácter dos museus muda de colecções privadas e reservadas a alguns, para ambientes especificamente criados para exibição, abertos a todos.

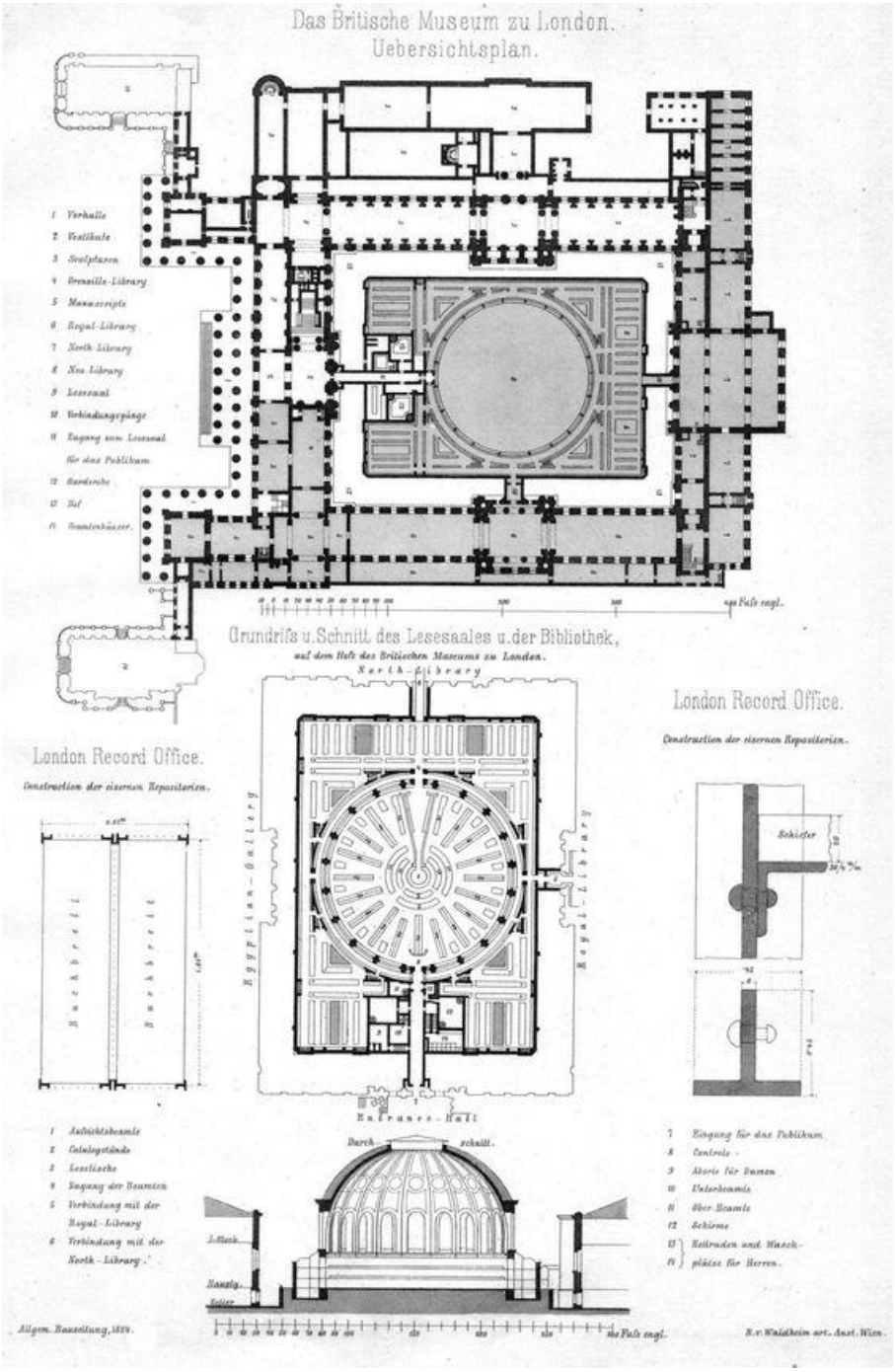


Figura 3 | Museu Britânico em Londres
https://archimaps.tumblr.com/image/72138770901

Figura 4 | Grande Galeria do Louvre por Hubert Robert (1796)
https://guiadolouvre.com/historia-do-louvre/

O percurso foi longo, tanto no que diz respeito à evolução do museu enquanto espaço físico, quanto na teorização do conceito. Em 1946, a criação do ICOM[2] dá lugar ao estudo, investigação e desenvolvimento do conceito de museu. A fundação desta instituição surge como resposta aos eventos da Segunda Guerra Mundial, quando muitos museus e colecções foram afectados por conflitos e estavam em risco de destruição ou saques.

Até metade do século XX, os museus eram passivos diante da sociedade, os seus critérios administrativos e aquisitivos eram arbitrários. Entretanto, houve um aprofundamento científico do seu conceito, dando origem a uma reformulação, a partir de 1970, e com isso, à fundação da nova museologia. Em 1972, foi inaugurado o Museu da Comunidade da Terra (criado com o objectivo de promover a consciencialização sobre questões sociais e ambientais), em Caracas, este foi considerado um dos primeiros museus a adoptar os pressupostos da nova museologia e com isso, abordagens participativas e

[2] ICOM – Conselho Internacional de Museus. Organização internacional dedicada à promoção e ao desenvolvimento dos museus e dos profissionais de museus.

Figura 5 | Museu da Vida Rural
https://www.catalunya.com/museu-de-la-vida-rural-17-16001-91

comunitárias. Outro exemplo de museus que adoptaram o conceito de nova museologia foi o Museu da Vida Rural, em Espluga de Francolí, inaugurado em 1988.

O conceito de museu expandiu-se para além das exposições físicas e incluiu iniciativas de pesquisa, conservação, educação e participação comunitária. Além disso, a tecnologia desempenhou um papel importante na forma como os museus apresentam as suas colecções, com o uso de multimédia, realidade virtual, interactividade e acessibilidade online.

Hoje em dia, os museus desempenham um papel fundamental na preservação do património cultural e na promoção da educação, oferecendo aos visitantes a oportunidade de explorar e de se envolverem com uma ampla gama de conhecimentos e experiências. Procurando, cada vez mais, tornar-se espaços inclusivos, abordando questões sociais, culturais e políticas contemporâneas.

1.3. MUSEU: DEFINIÇÃO E CONCEITOS

Desde a criação do ICOM, em 1946, a definição de museu tem sido objecto de amplas teorizações e evoluiu de acordo com as acentuadas mudanças da Sociedade e as realidades da comunidade museológica internacional.

Na Assembleia Geral Extraordinária do ICOM, em Praga, no dia 24 de Agosto 2022, foi aprovada uma nova definição de museu:

"Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento." (ICOM Portugal, 2022)

Esta nova definição acrescenta à anterior[3] os conceitos de inclusão, sustentabilidade, acessibilidade e diversidade. Introduz, também, os conceitos de ética e partilha envolvendo a Comunidade, assim como possibilita aos visitantes o acesso experiências diversificadas.

1.4. A NOVA MUSEOLOGIA

Podemos dizer que a museologia tradicional se centra em dois pontos essenciais: a conservação dos objectos do museu e a utilização destes em prol do público. Com a nova museologia, o museu passa a ser interpretado como muito mais do que um lugar onde se guardam e conservam obras e objectos.

A nova museologia é uma abordagem que surgiu na década de 1970 como uma resposta crítica à abordagem tradicional dos museus, tendo como propósito expandir o papel e a função dos museus na sociedade, apresentando uma nova forma de pensar e praticar a museologia. Esta abordagem evidencia a importância de considerar o contexto social, político e cultural em que os museus estão inseridos, defendendo uma maior colaboração com as comunidades locais, reconhecendo a diversidade de perspectivas e vozes dentro dessas comunidades.

O interesse da nova museologia centrou-se, principalmente, em novos tipos de museus que surgiram por oposição ao modelo clássico. Apareceram os ecomuseus, os museus

[3] Segundo os Estatutos do ICOM, aprovados pela 22.ª Assembleia Geral, Viena, a 24 de Agosto de 2007: "O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite."

de sociedade, os centros de cultura científica e técnica, realçando que essas novas propostas de museus visavam a utilização do património para beneficiar o desenvolvimento local.

O aparecimento de museus que assentam em novas práticas museológicas, não resultou no fim dos museus tradicionais. As duas realidades coexistem e podemos comparar de forma sintéctica as duas linhas de intervenção.

MUSEOLOGIA TRADICIONAL	NOVA MUSEOLOGIA
EDIFÍCIO	TERRITÓRIO
COLECÇÕES	PATRIMÓNIO
PÚBLICO DETERMINADO	COMUNIDADE PARTICIPATIVA
FUNÇÃO EDUCADORA	MUSEU ENTENDIDO COMO UM ACTO PEDAGÓGICO PARA O ECODESENVOLVIMENTO

Figura 6 | Museologia Tradicional versus Nova Museologia.
Fonte: Património, lazeres turísticos e desenvolvimento: dos lugares às redes. Susana Silva, adaptado de VARINE (1996) e PRIMO (1999).

A nova museologia teve um impacto significativo no campo museológico, influenciando a forma como os museus são pensados, concebidos e organizados.

A teoria e a metodologia da nova museologia continuam a desempenhar um papel central na renovação dos museus do século XXI. Continua a ser relevante a participação activa das comunidades na concepção, planeamento e implementação de programas e exposições dos museus. A abordagem crítica e reflexiva incentivada pela nova museologia, continua a ser tida em consideração no que concerne às práticas e narrativas mais inclusivas, diversas e plurais dos museus. A valorização do património imaterial é outro dos pressupostos ainda vigente nos museus de agora, que reconhecem e procuram preservar as tradições orais, práticas culturais, conhecimentos tradicionais e expressões artísticas vivas. Também continua actual o papel dos museus no confronto de questões sociais e políticas, apresentando-se como espaços de diálogo e reflexão com o potencial para abordar temas contemporâneos, procurando promover transformações sociais.

1.5. A EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO DO MUSEU NA SOCIEDADE

O significado do museu na sociedade tem evoluído ao longo do tempo, reflectindo as mudanças nas perspectivas culturais, sociais e políticas. Inicialmente, os museus eram considerados espaços exclusivos e elitistas, destinados a preservar e exibir colecções de arte, história e ciência para um público selecto. Posteriormente, passaram a ser visitados principalmente por investigadores e estudantes, representando o público em geral o menor número de visitantes. No entanto, ao longo dos anos, o papel e o significado dos museus tem ganhado outras dimensões, deixaram de ser apenas espaços de exposições para serem centros de cultura com outras funções, coordenando a preservação e conservação de peças, exposições permanentes e temporárias, pesquisa e investigação, educação e também o lazer.

Actualmente, o que se pretende é atrair um público maior e mais abrangente. Uma das mudanças mais significativas é a procura de um acesso mais democrático aos museus, num esforço por se tornarem mais inclusivos, acessíveis e relevantes para uma variedade de públicos. Procuram ultrapassar-se barreiras físicas, económicas, sociais e culturais, oferecendo programas educativos abrangentes, exposições multiculturais e recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência. Outra das mudanças que importa salientar é o envolvimento com as comunidades. O estabelecimento de parcerias com grupos comunitários, instituições educacionais, organizações locais e detentores de conhecimento tradicional. Acabando por existir uma participação da comunidade na tomada de decisões, na curadoria de exposições e programas, e na recolha e interpretação de histórias e memórias.

Sendo os museus um equipamento muito particular, pelos requisitos que os caracterizam, a evolução do papel do museu veio desencadear alterações na forma como a arquitectura interpreta este "novo museu", alterações essas que se materializam na remodelação, ampliação, e outras mudanças em edifícios já existentes ou em novos projectos. Tendencialmente, a formalização do espaço museológico tem sofrido alterações nos últimos anos.

Verifica-se, em diferentes exemplos reconhecidos, uma tendência para a sua afirmação na envolvente. Depreende-se desta observação que parece existir uma tendência para a integração na sociedade. Em suma, confirma-se uma tendência do fenómeno do "novo museu", para além da dimensão expositiva. Ainda do ponto de vista da clarificação da ideia do novo museu, parece evidente, através dos casos de estudo, que há uma leitura de dignificação do lugar e da memória. O museu existe muito para além do espaço de exposição.

1.6. A TEMÁTICA DOS MUSEUS MARÍTIMOS

Considerando os museus como lugar de memória individual e colectiva, importa aqui assinalar a sua função identitária de reforço dos laços comunitários. Dada a especificidade dos “museus marítimos” deverá compreender-se o que se entende por culturas marítimas e o que se pretende de um “museu marítimo” pensado agora. Entenda-se que culturas marítimas são quaisquer formas de expressão material ou simbólica da relação entre uma comunidade e o mar, num território e num período de tempo determinados.

Actualmente, os projectos de museus são caracterizados por uma série de funções específicas. O museu, tal como todas as tipologias arquitectónicas, está sujeito a um processo de mudança e modernização, sendo que, a sua evolução ao longo do tempo fez com que o espaço se tornasse mais complexo. Os museus deixaram de ser apenas espaços de exposição, armazenamento e conservação, para se tornarem espaços públicos com um papel muito mais abrangente, incluindo, por exemplo, diferentes tipos de espaços: de exposição permanente e temporária; para trabalhar e estudar; de armazenamento e conservação; recreativos; comerciais; de pesquisa e educação; e também espaços multiusos.

Rafael Moneo aborda o conceito de tipologia como parte fundamental do processo do projecto arquitectónico. Para o autor, a tipologia refere-se ao estudo e compreensão dos tipos arquitectónicos, ou seja, dos diferentes modelos ou padrões que surgem da repetição de soluções arquitectónicas ao longo da História. Refere ainda que a tipologia é um ponto de partida essencial para o projecto de arquitectura, pois permite ao arquitecto analisar e compreender os princípios organizadores subjacentes aos edifícios e espaços existentes.

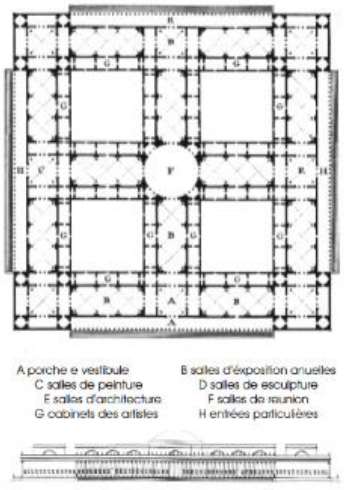


Figura 7 | Projeto para um museu genérico de J.N.L.Durand, 1803.
Flávio Kiefer

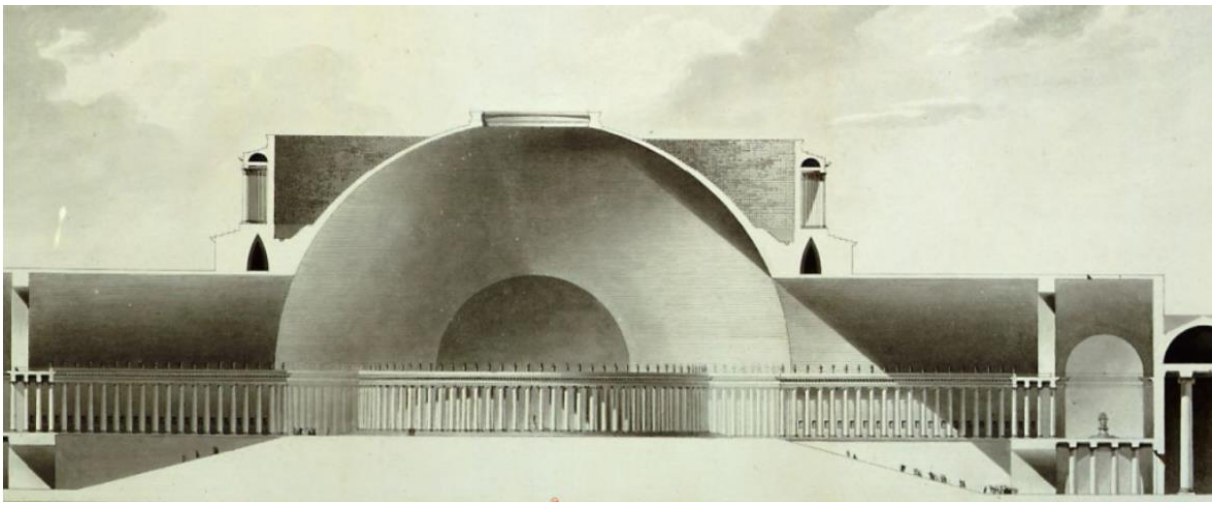


Figura 8 | Projeto de um museu, E.L. Boullée, 1783 - Modelo genérico.
https://mouseionsite.wordpress.com/2017/03/30/projet-pour-le-museum-etienne-louis-boullee/

The design process is a way of bringing the elements of typology – the idea of a formal structure – into the precise state that characterizes the single work.

Rafael Moneo

Ao estudar os tipos arquitectónicos como: residências, escolas, museus, igrejas, entre outros, o arquitecto pode aprender com suas soluções espaciais, funcionais e estruturais e aplicar esse conhecimento em seus próprios projectos. Rafel Moneo não defende a imitação ou reprodução dos tipos arquitectónicos tradicionais. Ele considera que os arquitectos devem reinterpretar e adaptar esses tipos aos contextos contemporâneos, tendo em conta as necessidades e exigências da sociedade actual. Consequentemente, a tipologia, é utilizada como uma base de referência e inspiração para a criação de novas soluções arquitectónicas que respondam aos desafios e aspirações da época em que são concebidas.

Se em Portugal a realidade dos museus marítimos faz sentido, pela tradição marítima nacional, por motivos semelhantes, também em Sesimbra faz sentido que exista um museu relacionado com o mar, pela história e identidade do lugar, mas também para criar um outro espaço, outro palco para aqueles que têm sido os principais actores da cultura marítima em Sesimbra, os pescadores.

Sendo Sesimbra uma vila com uma longa história ligada à pesca e ao mar, a comunidade piscatória tem desempenhado, ao longo do tempo, um papel fundamental na identidade, cultura e economia local. A pesca é uma actividade com história e tradição, com raízes que remontam a séculos. Os pescadores de Sesimbra têm uma forte tradição marítima e uma ligação profunda ao mar. As suas competências e conhecimentos transmitidos de geração em geração e técnicas tradicionais são parte integrante da identidade e cultura local. Existe uma variedade de técnicas de pesca praticadas pela comunidade local: aparelho,

arte da armação, artes de emalhar, artes de sacada, arte de xávega, arte de traineira, covos e pesca de anzol. Estas artes são valorizadas e respeitadas em Sesimbra, os pescadores têm um profundo conhecimento sobre as espécies marinhas e os melhores locais para pescá-las.

A pesca exerce um papel significativo na gastronomia local, os peixes e mariscos são a base de muitos pratos tradicionais. Actualmente, e como acontece noutras comunidades piscatórias, Sesimbra enfrenta desafios relacionados com a sustentabilidade da pesca. A redução dos recursos, as restrições regulamentares e a necessidade de preservação dos ecossistemas marinhos são questões fundamentais para a comunidade.

A Câmara Municipal de Sesimbra, assim como outros órgãos de poder locais têm desenvolvido várias iniciativas para valorizar e promover a cultura marítima local. Exemplo disso tem sido a divulgação de várias acções desenvolvidas pelo MMS, a edição de eventos, como o Encontro Património e Cultura Marítima (que teve a sua 2.ª edição em Novembro de 2022), o Festival Gastronómico *Sesimbra é Peixe* e a prática da Arte Xávega, que durante os meses de Verão é apresentada como um atractivo turístico da vila, na Praia da Califórnia (que dá aos turistas a oportunidade de aprenderem as características mais importantes desta arte, mas também a de ajudar em todo o processo).

1.7. CASOS DE ESTUDO

Tendo em conta a problemática a desenvolver, foram escolhidos três casos de estudo que abordam a temática aqui apresentada. Pretende-se com a análise destes casos determinar se existem dinâmicas de referência de carácter topológico ou tipológico, identificar um conjunto de especificidades próprias da relação entre edifício e lugar, assim como de museus de temática marítima, procurando entender se existem perfis de museus marítimos.

A escolha do caso de estudo sobre o conceito de topologia, da relação do projecto com o lugar recaiu sobre o Centro das Artes – Casa das Mudas.

A escolha dos dois outros casos de estudo sobre o conceito de tipologia, do tipo de espaço, da função e programa do edifício, recaiu sobre o Museu Marítimo de Ílhavo e o Museu do Mar da Galiza.

1.7.1. CENTRO DAS ARTES – CASA DAS MUDAS

Arquitecto: Paulo David
Ano: 2004
Área construída: 12000 m²
Materialidade: Pedra
Localização: Calheta, Madeira, Portugal

O Centro das Artes resulta de um concurso que visava a implementação de projectos que dinamizassem o território da Madeira. A construção de um edifício para um centro de artes surge como expansão da já existente Casa da Cultura da Calheta.

Figura 9 | Centro das Artes-Casa das Mudas.
Fernando Guerra 2006

A Calheta situa-se na frente marítima da costa oeste da ilha e é um território assinalado por montes com altura considerável. Com projecto do arquitecto Paulo David, o edifício do Centro das Artes – Casa das Mudas marca a paisagem, implantado na linha de festo de um monte que termina de forma abrupta sobre o mar.

O projecto tem como propósito refazer a relação com a envolvente, através de socalcos, e como característica fundamental o sentido de criação de território (que pela sua

dimensão remete para a monumentalidade, tratando-se, no entanto, de uma construção que tem referência humana). O edifício vive da relação da arquitectura com a topografia, tornando-se, ele próprio, parte dessa topografia, num lugar extremo e natural.

Também a sua materialização surge como aproximação à natureza do lugar, com a utilização do basalto - pedra de origem vulcânica que permite a continuidade da paisagem.

Figura 10 | Centro das Artes-Casa das Mudas.
Fernando Guerra 2006

Como caso de estudo, a Casa das Mudas destaca a capacidade que a arquitectura tem de exceder a sua função original para se tornar num elemento transformador do lugar. O enquadramento do edifício com o espaço e a paisagem envolventes, assim como a sua volumetria, que surge quase como a continuação da topografia, reforçam fisicamente a sua relação com o lugar. Este exemplo reflecte “o poder” que a arquitectura pode exercer sobre um território.

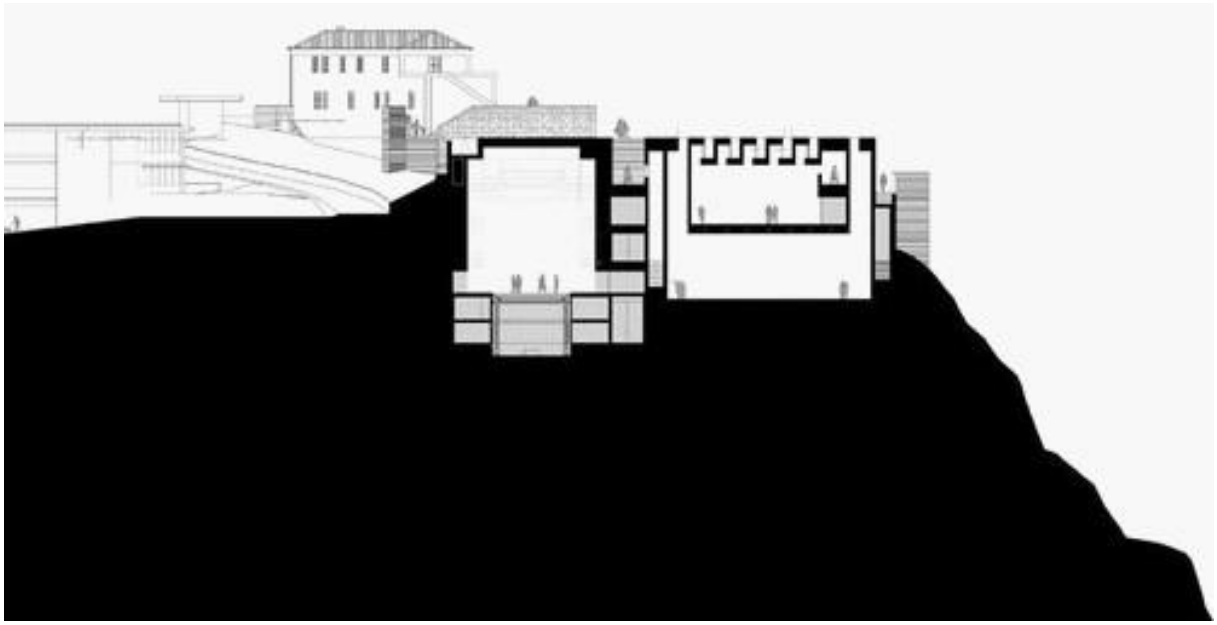


Figura 11 | Centro das Artes-Casa das Mudas. Corte s/e.
PauloDavid

1.7.2. MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO

Arquitectos: ARX Portugal - José e Nuno Mateus
Ano: 1998
Área construída: 3850 m²
Materialidade: Pedra e Betão
Estrutura: Concreto
Localização: Ílhavo, Portugal
Implantação no terreno: Urbano

O Museu Marítimo de Ílhavo surgiu em 1937, assumindo uma vocação etnográfica e regional, era lugar da memória dos ilhavenses que o criaram.

Em Outubro de 2001, é inaugurado o "novo" MMI, projecto de ampliação e remodelação do museu/edifício existente, dedicado à história marítima e pesqueira da região, que tem uma forte ligação com o mar e as suas tradições.

Figura 12 | MMI - Panorâmica
https://arx.pt/projecto/museu-maritimo-de-ilhavo

Pretendeu-se com este projecto arquitectónico, reformular a estrutura, espaços e instalações, ampliando a área bruta aproximadamente para o dobro da do edifício inicial. Esta remodelação trouxe um potencial de mudança, não só com um novo edifício, mas também de um novo museu, com a renovação do mesmo como instituição cultural.

Esta obra impulsionou a requalificação urbana da área envolvente. O edifício localiza-se na extremidade da povoação, num lote irregular, confrontado com moradias de dois pisos,

isoladas ou geminadas.

Sujeita a um conjunto de condicionantes, a arquitectura da obra desenvolve-se através de justaposição de volumes rectangulares, interligados por passagens e escadas. Formalmente, a sua concepção respeitou o alinhamento existente na rua. Os novos corpos do edifício surgem no interior do lote, que se fecha à rua, dando origem a um jardim interior. Do existente, aproveitou-se apenas a estrutura, e esse é o primeiro elemento do projecto. A este encosta-se um corpo estreito ao longo de todo o existente, que faz a articulação entre velho e novo. Surgem, então, os novos volumes, a Sala da Ria, com um pé-direito enorme; a torre negra central, que acolhe as exposições temporárias, e que parece flutuar na água; a zona administrativa; a biblioteca; o arquivo e a cafetaria.

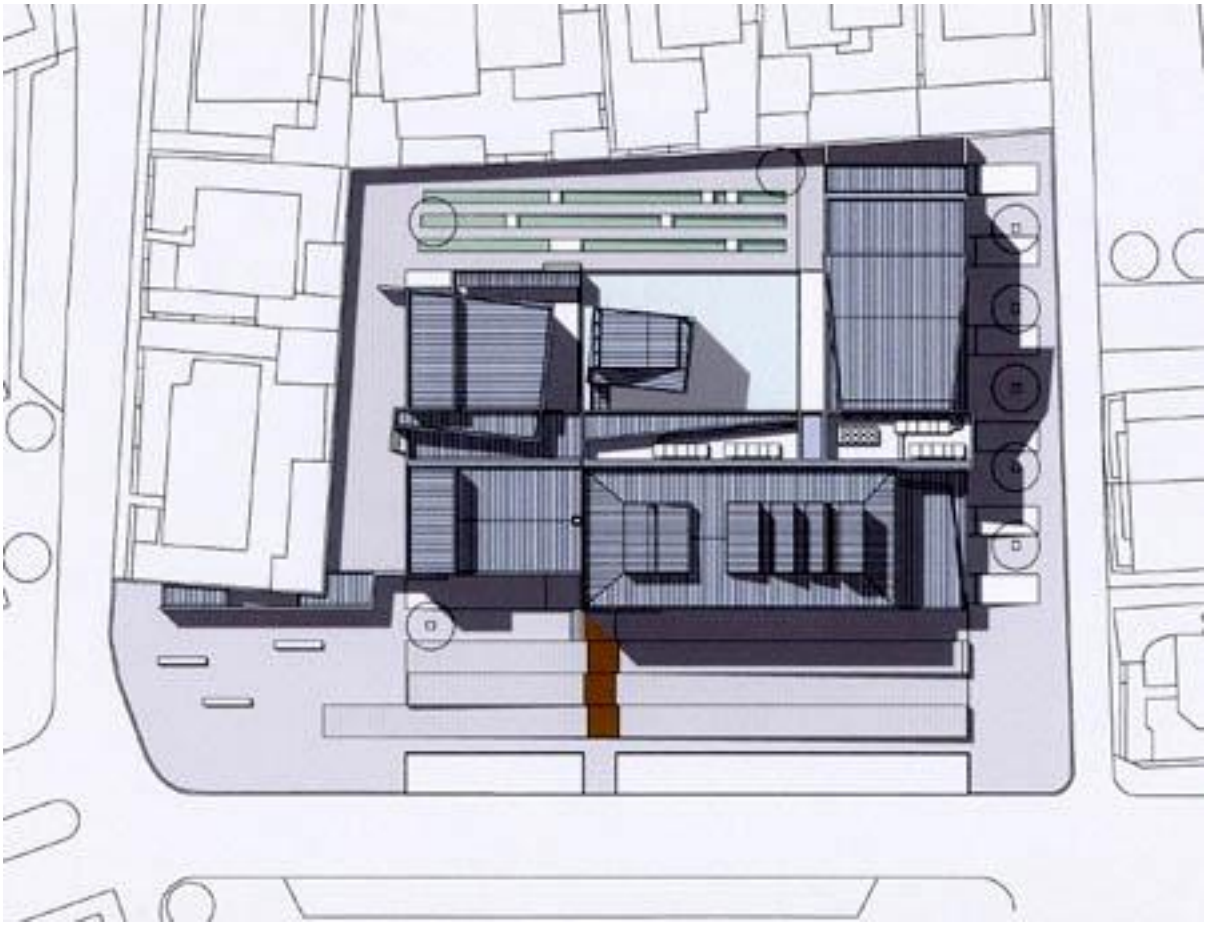


Figura 13 | MMI – Planta de Implantação, s/e.
https://arx.pt/projecto/museu-maritimo-de-ilhavo

Ainda no decorrer do ano de 2001, o MMI passou a contar com o navio-museu Santo André, um antigo arrastão bacalhoeiro.

Em 2012, o MMI voltou a crescer e a qualificar-se. foi criada a sua unidade de investigação e empreendedorismo, o CIEMar-Ílhavo.

Em 2013, foi inaugurado um novo espaço pertencente ao MMI (também projectado pelos ARX e com cerca de 2.500 m²), o Aquário dos Bacalhaus, que surge como continuidade do percurso expositivo do museu. É um edifício que se liga aos outros dois (CIEMar e MMI) e configura uma complexa estrutura tríptica. Na articulação destas três unidades o edifício é simultaneamente um equipamento urbano autónomo, que se relaciona com a envolvente e define um espaço público, mas é também um edifício-percurso, que se desenvolve em espiral em torno do tanque e liga o Museu à antiga Escola. A volumetria deste edifício em interligação com os anteriores, cria uma dimensão de dominio publico numa estrutura urbana que era de carácter doméstico. Decompõem-se em dois corpos estratificados na horizontal, individualizados e sobrepostos, traduzindo uma escala de transição. A sua materialidade também faz a distinção entre os dois corpos do edificio: O corpo de betão branco surge do solo e cria a base de uma praça que delimita; o corpo aéreo feito de escamas metálicas negras estabelece a escala da praça, redefinindo o espaço público em três dimensões.

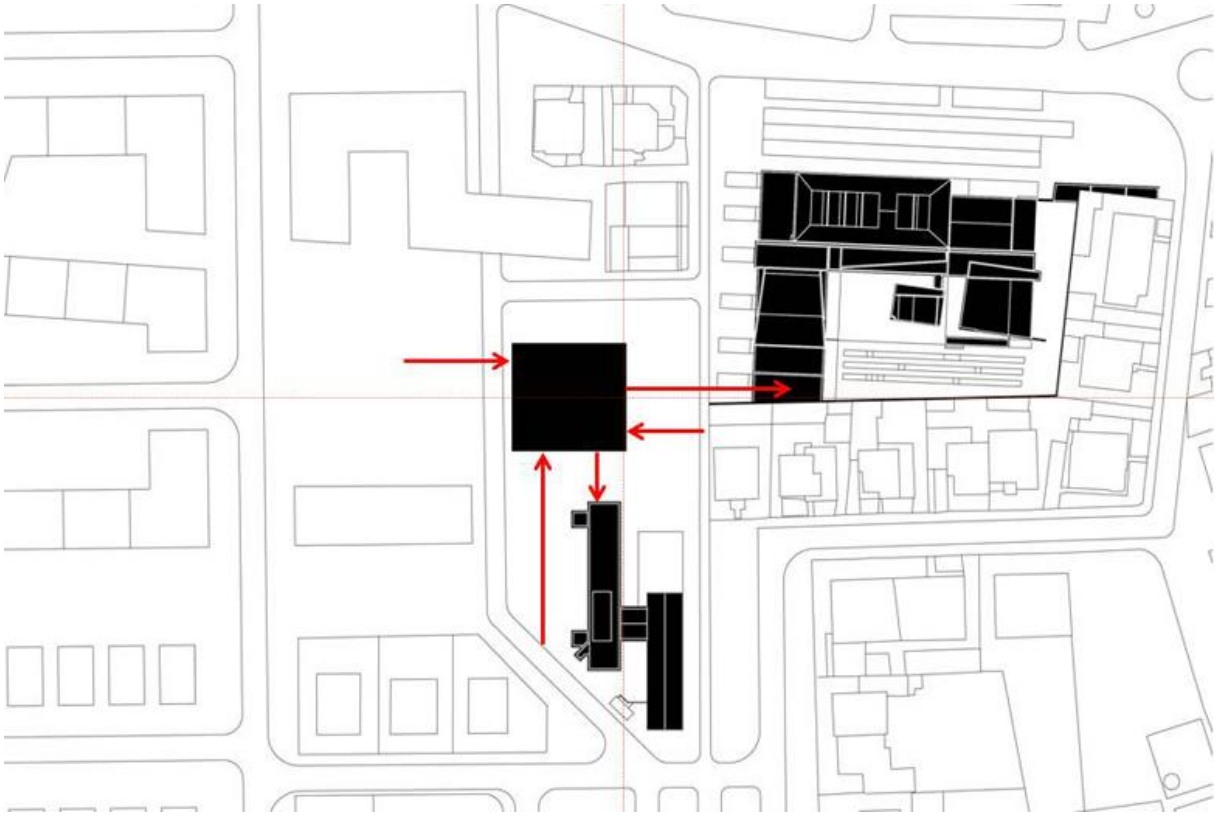


Figura 14 | Planta de Implantação dos três edifícios: MMI, CIEMar e Aquário dos Bacalhaus, s/e. https://arx.pt/projecto/museu-maritimo-de-ilhavo

Do Museu Marítimo de Ílhavo como estudo de caso tipológico, destaca-se o facto de o seu projecto partir de um elemento pré-existente para um movimento sequencial de volumes, que é a origem do percurso museográfico, combinando uma abordagem

contemporânea com a preservação do património cultural. A configuração do volume negro que surge verticalmente, em oposição aos restantes, remete para as velas dos barcos. Sendo também de assinalar a requalificação do espaço na zona envolvente. Uma característica do MMI é a sua evolução e crescimento, que se traduziram numa complexidade de espaços que se interligam.

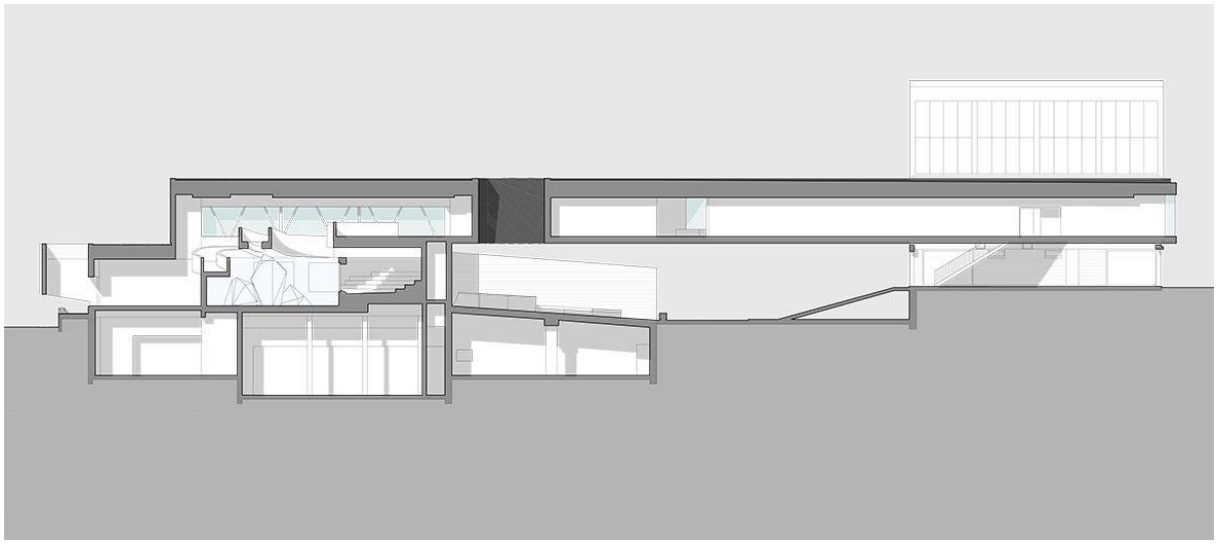


Figura 15 | Projecto de ampliação MMI – Corte, s/e.
https://arx.pt/projecto/museu-maritimo-de-ilhavo

1.7.3. MUSEU DO MAR DA GALIZA

Arquitectos: César Portela e Aldo Rossi
Ano Projecto: 1992
Construção: 1993 - 2003
Localização: Vigo, Espanha
Implantação no terreno: Isolado

O Museu do Mar da Galiza está localizado na Ponta de Muíño, no litoral da ria, o que, só por si, reforça a sua temática. O museu está implantado na antiga fábrica de conservas Alcabre-Molino de Viento (1887), que antes tinha sido utilizada como matadouro municipal.

O projecto do museu é atribuído pela Junta da Galiza aos arquitectos Aldo Rossi e César Portela. Após a morte de Aldo Rossi, César Portela apresenta o projecto de um complexo que integra a antiga fábrica, um novo corpo constituído por naves, o bar, o aquário e o farol.

Figura 16 | Museu do Mar da Galiza, vista aérea.
https://arquitecturaviva.com/obras/museo-del-mar

O museu é composto por um conjunto de edifícios ligados entre si por percursos. O percurso, ainda que seja flexível, está desenhado com uma intenção clara de conduzir o visitante à contemplação da paisagem, tendo como referência a ria, o mar, a linha do horizonte ou os vários faróis que podem ser avistados. O museu articula-se em seis partes distintas: o jardim, que se desenvolve no eixo central de uma avenida com árvores até à entrada do museu; o conjunto de cinco naves; a praça de paralelepípedos, onde fica o bar do museu e que tem um acesso livre; o novo edifício, construído no limite externo; a doca, parte superior do conjunto em que se encontra o aquário e o farol; a sexta parte seria o mar, que envolve todo o cenário.

Como caso de estudo, o Museu do Mar da Galiza apresenta uma abordagem particular por partir de uma tipologia arquitectónica que tinha uma função completamente diferente da do museu, a fábrica. Distingue-se pela localização estratégica, na qual o conjunto de edíficios e espaços ao ar livre que compõe o museu , está delimitado por um muro e pelo próprio mar. O lugar do museu e articulação dos vários elementos arquitectónicos permite que haja uma transição sem ruptura entre a terra e o mar, não existindo limites claros entre o urbano e aquele que é o contorno natural, existindo uma conexão visual directa com o ambiente marítimo que o rodeia.

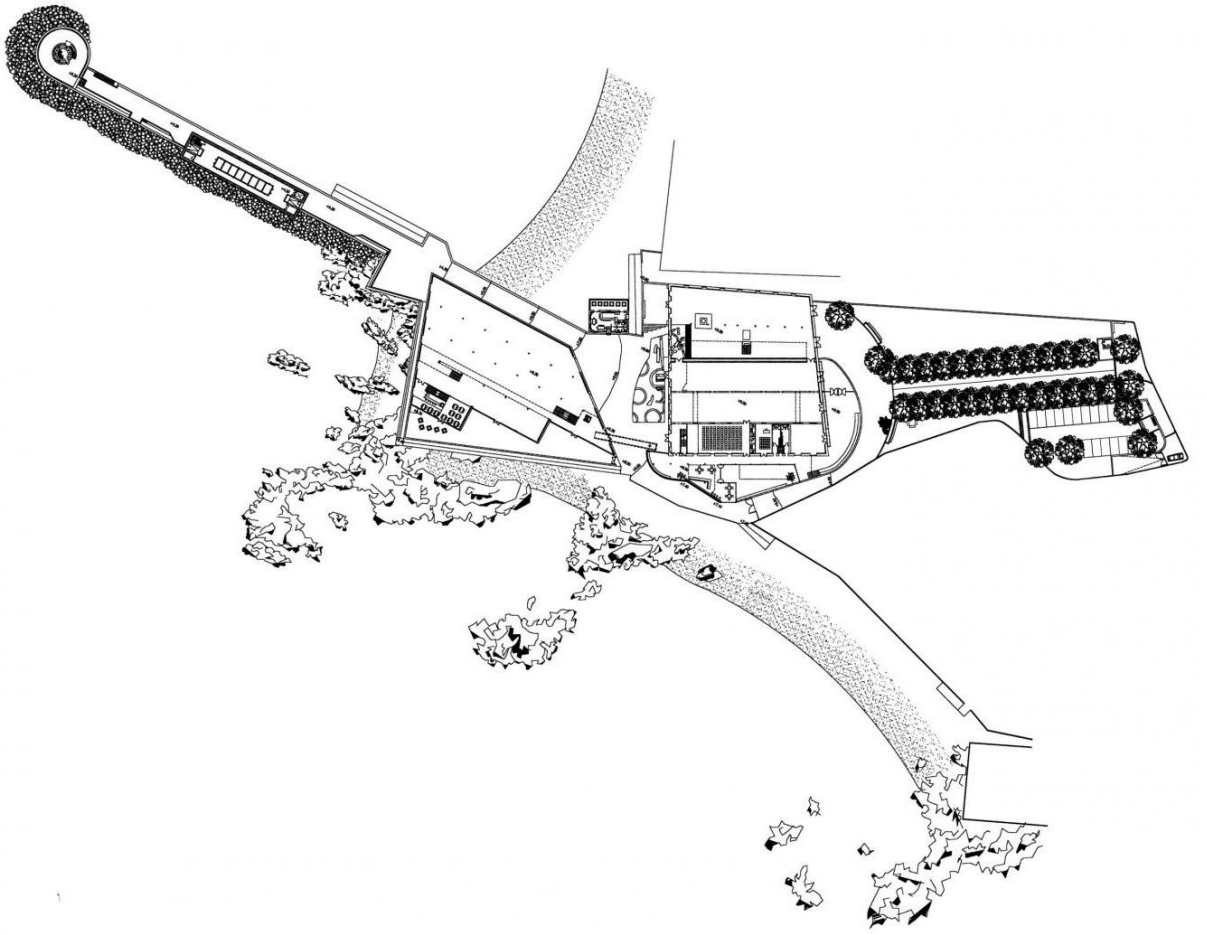


Figura 17 | MMG – Planta de Implantação, s/e.
https://arquitecturaviva.com/obras/museo-del-mar

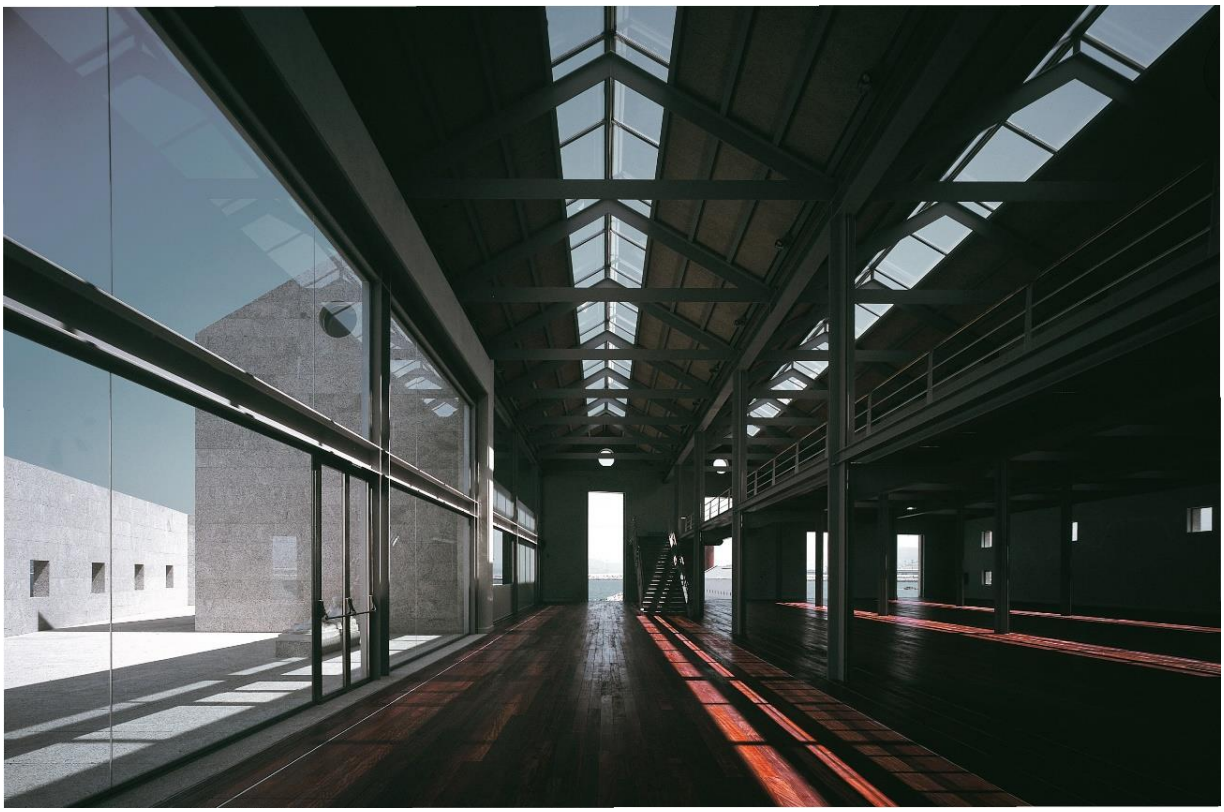


Figura 18 | MMG – Galeria.
https://arquitecturaviva.com/obras/museo-del-mar

Sobre os casos de estudo apresentados, podemos encontrar algumas características comuns, sendo que, uma das características fundamentais é a relação dos três com a comunidade, sendo a mesma marítima, ou não.

Apesar do enfoque da Casa das Mudas não ser a temática marítima, pela sua localização, acaba por ter uma relação visual directa com o oceano e o ambiente natural ao seu redor. O MMI e o MMG apesar de terem uma temática comum, os lugares de implantação dos mesmos são substancialmente diferentes. Enquanto o MMG tem uma relação directa com uma paisagem marítima, o mesmo não acontece com o MMI que está localizado numa zona urbana a alguns quilómetros do mar, não conseguindo estabelecer qualquer tipo de relação visual com o mesmo.

Podemos referir, que os três casos têm como elemento arquitectónico comum, os percursos exteriores, apesar de na Casa das Mudas acontecerem num só edifício e não entre vários, como nos outros dois exemplos.

A preservação cultural e educativa, assim como a contribuição para o desenvolvimento local, são características comuns. Todos têm o objectivo de preservar, documentar e transmitir a conhecimento às suas comunidades e visitantes.

2. SESIMBRA E/É O MAR

Sesimbra é o mar.

Foi ele que desenhou os passadiços, cavou as reentrâncias, rasgou os calhaus, aconchegou a areia, recortou o cabo, impôs a baía. O mar é o berço, o mar é fonte, o mar é celeiro, o mar é estrada, o mar é infinito, o mar é sonho, o mar é túmulo, o mar é tudo, e Sesimbra é o mar.

António Cagica Rapaz

Figura 19 | Vila de Sesimbra vista do Castelo.
Isabel Conde, 2019

2.1. SESIMBRA: ORIGEM E HISTÓRIA

A génese e a história da vila de Sesimbra confundem-se com o mar. Existem factores primordiais que levam ao estabelecimento de uma população num determinado local, sendo que os fundamentais são a segurança e a disponibilidade de alimentos e recursos naturais. Nos primeiros tempos do Homem, estes factores estavam inevitavelmente ligados às características geográficas e geológicas de um local - se estava situado num ponto alto e por isso era mais fácil ter um controlo visual de possíveis ataques (fossem de animais ou povos inimigos), se os solos eram férteis, se existiam cursos de água - e em Sesimbra não aconteceu de forma diferente.

Fazendo parte da Serra da Arrábida, o concelho de Sesimbra esteve, desde sempre, sujeito às influências do mar. A localização geográfica privilegiada beneficiou o desenvolvimento de actividades ligadas ao mar, em particular no que diz respeito à pesca, por ser, além dos portos do Algarve, o único porto do País virado a Sul estando, por isso, abrigado de ventos fortes e tempestades.

Os vestígios de ocupação remontam ao Paleolítico Inferior, altura em que se fixaram

as primeiras comunidades tirando partido dos recursos marinhos existentes e estabelecendo-se junto dos cursos de água. Existem evidências arqueológicas que indicam a existência de uma estrutura portuária no centro da baía, que se manteve desde o período romano até meio do séc. XX, ocasião da construção do Porto de Abrigo, na zona poente da vila.

O núcleo primitivo localizava-se a noroeste da actual vila de Sesimbra, num povoado dentro das muralhas do castelo, numa colina com cota superior, o que indica que a defesa terá estado na origem da ocupação.

Sesimbra recebe o Foral em 1201, por D. Sancho I e em meados do séc. XIII inicia-se um esvaziamento progressivo do castelo, com a deslocação para a zona ribeirinha. Zona essa que se desenvolveu substancialmente durante os séc. XV e XVI, sob influência da Expansão Marítima, pela epopeia dos Descobrimentos, mas também pela ligação entre Sesimbra e o estuário do Tejo, justificada pelas relações económicas e transportes de mercadorias feitos sobretudo por mar.

Figura 20 | Fotografia de gravura exposta no Castelo de Sesimbra.
Isabel Conde, 2019

Nota: Podemos observar o núcleo primitivo dentro do Castelo e ao fundo a zona ribeirinha, que virá a ser a localização da actual vila de Sesimbra.

A actual vila teve como origem essa póvoa ribeirinha, tendo essa transição sido legitimada com o novo Foral, concedido por D. Manuel I em 1514. O seu desenvolvimento urbano motivou a construção de alguns edifícios importantes, tais como: a Capela de S.

Sebastião, a Capela e Hospital do Espírito Santo, de finais do séc. XV, a Igreja Matriz de Santiago e o Edifício dos Paços do Concelho, e justificou também a necessidade de defender o porto de Sesimbra dos ataques de corsários.

Figura 21 | Planta de Sesimbra datada entre 1568-1570, s/e.
AMS, 2019.

Nota: Esta é planta mais antiga que se conhece da vila de Sesimbra, foi descoberta em 1983 na secção de iconografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, é construída a mando da Coroa uma linha de defesa da costa litoral, composta por vários fortes e que estava compreendida entre Albarquel, em Setúbal, e o Forte de S. Pedro da Foz, no concelho de Sesimbra. A paisagem da vila é marcada pela presença de dois desses fortes, a Fortaleza de Santiago, construída entre 1640-1648 e localizada sensivelmente a meio da baía e o Forte de São Teodósio do Cavalo, construídoentre 1648-1652 na zona poente.

Com a passagem do tempo, o concelho de Sesimbra é afectado por vários acontecimentos de ordem natural e social, assistindo-se a um progressivo declínio das indústrias da construção naval e das atividades piscatórias.

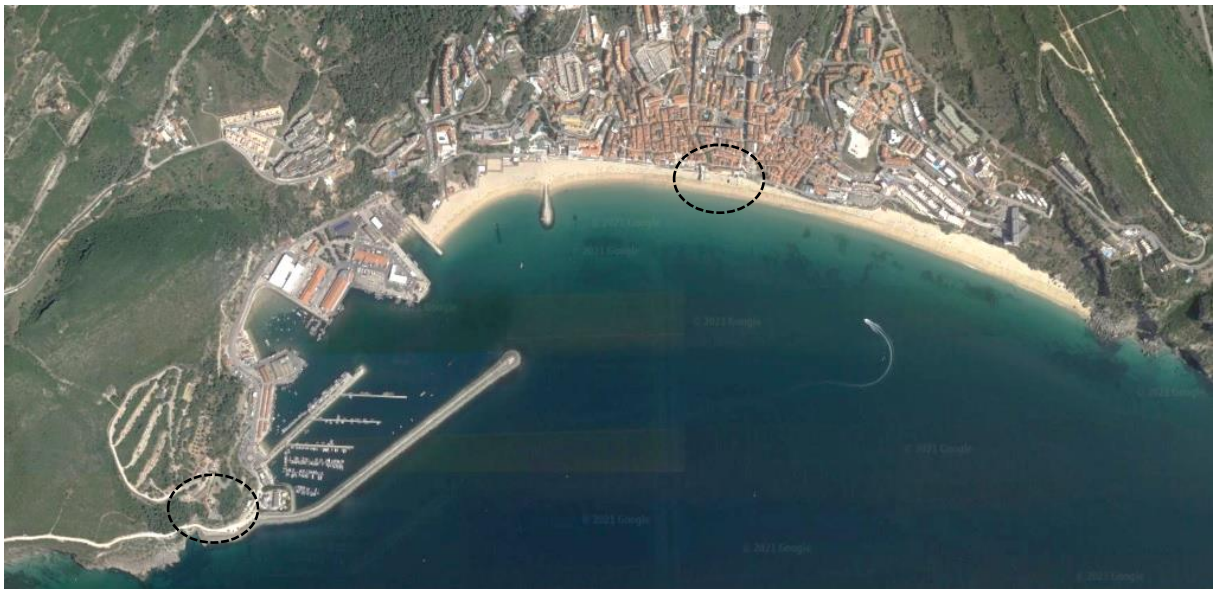


Figura 22 | Baía de Sesimbra com a localização dos dois fortes assinalada a tracejado.
Google Earth 2021

No início do séc. XX, existe uma viragem marcada pelas atividades relacionadas com a pesca, tendo sido criada uma rede de pequenas fábricas de conservação de peixe, chegando a existir 14 e uma fábrica de gelo.

No final da década de 40, a vila beneficia da 1ª fase de construção do Porto de Abrigo na zona poente

A segunda metade do século XX é marcada pelo desenvolvimento do turístico, como atividade económica relevante. Surge a prática da pesca desportiva e a vila destaca-se como destino balnear com a construção do Hotel Espadarte e do Hotel do Mar. A realidade do turismo manteve-se e tem vindo a desenvolver-se associado à prática de várias actividades marítimas, assim como a das pescas com a adequação à actualidade.

2.2. SESIMBRA COMO LUGAR

De acordo com o conceito de lugar proposto por Christian Norberg-Schulz, anteriormente referido, a vila Sesimbra pode ser analisada considerando três elementos principais: o lugar natural, o lugar construído e o lugar vivido.

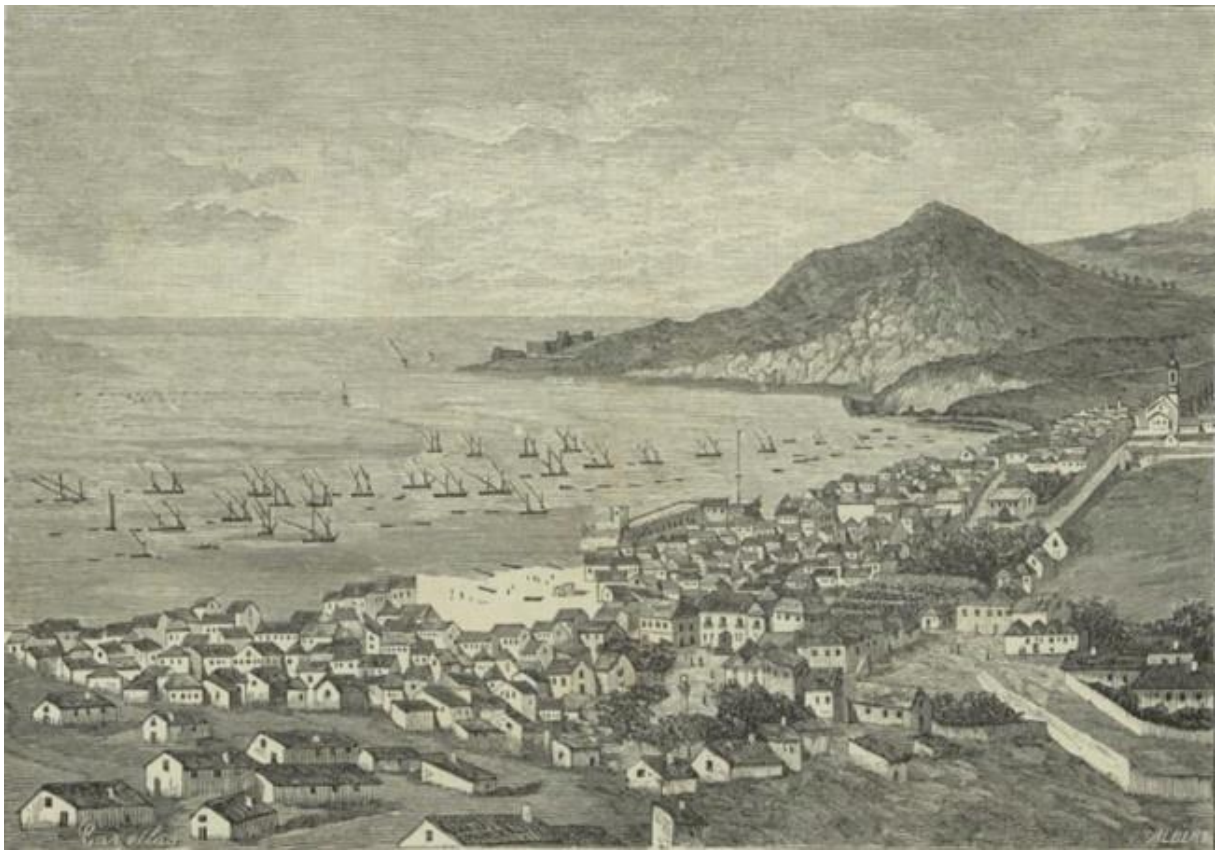


Figura 23 | Cezimbra, desenho do natural por Casellas, in O Occidente, n° 208, 1 de outubro 1884. https://almada-virtual-museum.blogspot.com/

O lugar natural em Sesimbra é marcado pela sua localização geográfica privilegiada. A vila está situada entre o Oceano Atlântico e a Serra da Arrábida, proporcionando uma paisagem única. Norberg-Schulz dá ênfase à importância da relação entre o ser humano e seu ambiente natural e, em Sesimbra, essa relação é central. A interacção entre o mar, as serras e as formações rochosas gera uma conexão profunda com a natureza.

Em Sesimbra, o lugar construído é influenciado pela história e cultura locais. Por exemplo, o Castelo de Sesimbra é o monumento arquitectónico mais antigo do concelho (as suas origens remontam ao século IX, período da ocupação muçulmana deste território) e representa parte da herança histórica da vila. Outro dos monumentos que marca a paisagem construída da vila é a Fortaleza de Santiago, atestando o passado militar da região. Estes marcos históricos contribuem para afirmar a identidade do lugar, proporcionando uma sensação de continuidade e tradição.

No entanto, segundo Norberg-Schulz, o lugar vivido talvez seja o aspecto mais fundamental de Sesimbra. O lugar vivido diz respeito à experiência humana e à forma como as pessoas habitam e interagem com um determinado local. Em Sesimbra, a comunidade local, com a sua tradição e cultura marítimas, caracteriza a vivência da vila. A pesca, a gastronomia local, as festividades e interacções sociais moldam a identidade e o carácter do lugar.

Norberg-Schulz salienta a importância do sentido de lugar para o ser humano, a noção de pertença e a capacidade de se identificar e relacionar com um determinado ambiente. Em Sesimbra, essa consciência de lugar é evidente, tanto para os residentes quanto para os visitantes.

Considerando o conceito de lugar proposto por Norberg-Schulz, Sesimbra pode ser compreendida como um local onde o ambiente natural, a arquitectura construída e a vida comunitária se interrelacionam dando origem a um lugar singular.

Figura 24 | Vista geral de Sesimbra.
Isabel Conde, 2019.

Sesimbra, como lugar, tem características geográficas e urbanas marcantes que conferem à vila um carácter identitário inerente e fortemente representado pela sua população. Isso deve-se, inevitavelmente, à profunda ligação ao mar, não apenas porque define parte dos contornos geográficos da vila e marca a sua paisagem, mas também pelos recursos que ao longo do tempo foram significantes no sustento da população.

2.3. UM MUSEU MARÍTIMO EM SESIMBRA

A ligação de Sesimbra às actividades marítimas, segundo evidências históricas, remonta há 5 mil anos e, tal como o mar, um museu marítimo é um espaço que faz sentido em Sesimbra.

O Museu Marítimo de Sesimbra é um projecto de valorização e preservação da cultura marítima e piscatória e estruturou-se em torno do envolvimento da comunidade e da abordagem patrimonial e museológica de novos espaços e colecções, que passaram a fazer parte de um plano integrado de valorização da cultura de Sesimbra. A valorização do património cultural, material e imaterial, visou a construção de um modelo de extensão cultural, de promoção da região e de afirmação identitária relacionada com o mar.

O MMS é um dos cinco núcleos museológicos e interpretativos do Museu Municipal de Sesimbra, criado em 1960. Trata-se, portanto, de uma entidade polinucleada, cujo objectivo é abordar a realidade do concelho. O Museu Municipal de Sesimbra participa, ainda, na gestão de dois exemplos de património edificado classificado: o Castelo de Sesimbra e a Fortaleza de Santiago, onde se encontra actualmente instalado o núcleo museológico do MMS.

O concelho de Sesimbra, com a estreita ligação ao mar, é, necessariamente, um lugar privilegiado para a reflexão e intervenção em torno da actividade dos museus e identificação, salvaguarda e divulgação do património marítimo e actividades piscatórias. O desenvolvimento deste programa museológico foi estruturado em torno do envolvimento da comunidade e da abordagem museológica de novos espaços, que passam a fazer parte de um plano integrado de valorização da cultura marítima e piscatória. A valorização e fruição do património cultural material e imaterial tem como objectivo a estruturação de um modelo de extensão cultural que promova o respeito pelos valores integrais da região, potencie o desenvolvimento local e, consequentemente, uma afirmação identitária.

A relação com o mar foi a referência para definição do projecto, com o apoio imprescindível da comunidade piscatória local, assente numa dinâmica cultural que valoriza e promove novas vias de interatividade e aposta em núcleos museológicos e extensões visitáveis, numa perspetiva integrada e estruturada em função das seguintes intervenções:

- Requalificação e musealização: Museu do Mar e da Pesca (Fortaleza de Santiago) e requalificação do Mercado Municipal, entendida como extensão do espaço museológico.

- Desenvolvimento de parcerias e protocolos: Porto de Pesca; Docapesca e lota; Estaleiros e Oficina de Construção Naval. (Ventura s.d.)

2.4. ORIGEM DO MUSEU

A exposição "Sesimbra e o Mar" patente ao público no edifício do Gimnodesportivo, em Maio de 1981, esteve na génese do que é hoje o MMS. Num artigo publicado no Boletim Informativo fica expressa a vontade da comunidade de que aquela exposição se torne permanente e que dê origem a um museu, essa é também a vontade da CMS.

No decorrer da exposição lembramo-nos de ter ouvido expressões como estas; «que pena isto não estar sempre exposto», «isto é digno de um museu».

(Boletim Informativo, nº30 1981, 4)

Desde logo, surge uma questão: onde instalar o museu?

Na sequência do artigo referido anteriormente, surge um outro que refere um diálogo estabelecido entre a CMS e a Direcção Geral do Património do Estado, com o intuito de "resgatar" a Fortaleza de Santiago e pô-la ao serviço da comunidade e da cultura, por ser considerado o local ideal para instalar o museu. A cedência da Fortaleza à CMS foi negada.

A maioria dos elementos que fizeram parte da exposição "Sesimbra e o Mar" foram doados pela comunidade à autarquia, havendo a necessidade de receber este início de colecção, esta foi acolhida num edifício localizado na Rua Aníbal Esmeriz, em Sesimbra.

Em 1987, a colecção transitou para outras instalações, no Largo Luís de Camões. Instalações estas, construídas no início da década de 1970 com a função de acolher a antiga Escola Navegador Rodrigues Soromenho.

Figura 25 | Antigas instalações do MMS, no Largo Luís de Camões.
Google Earth, 2019.

A estrutura do edifício é contemporânea da reforma do sistema educativo levada a cabo pelo governo de Marcelo Caetano e seguindo uma tipologia pré-fabricada, de planta rectangular livre. O motivo da mudança de instalações deveu-se à preocupação com a preservação e exposição do acervo.

Figura 26 | Antigas instalações do MMS.
Isabel Conde, 2008.

O "museu" era visitável consoante marcação prévia com os serviços da CMS, e manteve-se nestas instalações e condições provisórias até 2016, altura em que é inaugurado na Fortaleza de Santiago. A Fortaleza foi entregue à tutela da CMS em 2014, momento em que foi sujeita a obras de reabilitação.

2.5. O MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA NA FORTALEZA DE SANTIAGO

O projecto do Museu Municipal de Sesimbra está associado aos conceitos de museu de território e de museu de comunidade. Neste âmbito, a instalação do MMS na Fortaleza de Santiago assentou na relação dos grandes eixos do território - o património e a população.

Com vista à análise crítica, posteriormente apresentada, àquele que é hoje o MMS, faz todo sentido começar por apresentar a Fortaleza de Santiago, o edifício que acolhe agora o museu.

Figura 27 | Fortaleza de Santiago.
Youdrone (Google Earth), 2019.

A Fortaleza de Santiago, classificada como Imóvel de Interesse Público desde 20 de setembro de 1977, é um dos vários fortes construídos ao longo da costa de Sesimbra no século XVII com vista a reforçar uma nova estratégia criada pela coroa para a defesa costeira para controlo dos portos portugueses. Este comando compreendia uma vasta área desde a Torre do Outão até à Lagoa de Albufeira, incluindo: o Forte de Santiago (Outão), o Forte do Portinho (Arrábida), o forte de S. Teodósio (Cavalo), o Forte de S. Domingos da Baralha, o forte da Senhora do Cabo e o Forte de S. Pedro.O edifício militar, construído no centro da baía de Sesimbra tem a sua origem no traçado do arquitecto e engenheiro militar João de Cosmander. A construção da fortaleza decorreu entre 1642 e 1649, supondo-se que

aproveitou algumas estruturas de um antigo forte manuelino, designado por Forte de Ancua, parcialmente destruído em 1602 pelo ataque de uma armada inglesa.

No decorrer da primeira metade do século XIX, a guarnição abandonou a fortaleza. A partir de 1879, acolhe as instalações da Guarda Fiscal. Em 1886, o imóvel é cedido à Alfândega e no final do século XX reverte para a Guarda Nacional Republicana.

Em 1932, O Clube Naval teve a sua primeira sede instalada na Fortaleza, onde promoveu a criação de um museu cuja temática era a pesca, mas essa iniciativa não foi bem- sucedida.

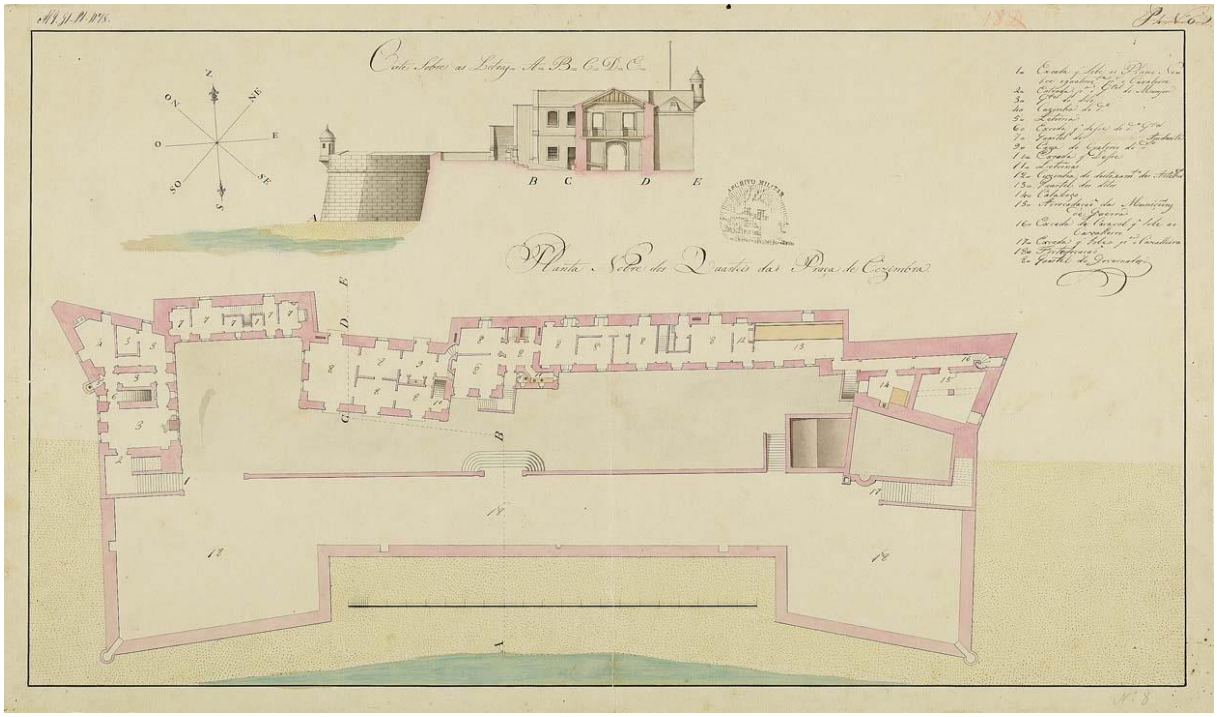


Figura 28 | Planta da Fortaleza de Santiago, 1700 – 1900 (DIE-Exército Português).
AMS 2019.

No ano de 1938, a propósito da inauguração da Colónia Balnear Infantil da Guarda Fiscal, foram efectuadas alterações no interior do edifício, especificamente, a construção de balneários e de tanques, estruturas totalmente desenquadradas da estrutura original do edifício.

O Arquitecto António Lino e o topógrafo Rogério Pereira apresentaram em 1955, um projecto de adaptação da Fortaleza de Santiago a Hotel de Turismo.

Em 1965, tiveram início as aspirações da CMS em recuperar o espaço e abri-lo à população com a fundação de um núcleo museológico. Esse processo foi longo e teve várias etapas. O Prof. Agostinho da Silva, escreve em 1973 um artigo para o jornal o Sesimbrense,

Figura 29 | Colónia Balnear na Fortaleza de Santiago.
AMS, 2019.

sobre fundamentos conceptuais para a instalação do Museu do Mar na Fortaleza.

Como anteriormente referido, em 1977, foi declarado Imóvel de Interesse Público, conforme consta no Decreto de Lei n.º 129/77, DR, 1.ª série, n.º 226; 1981.

Em 2002, a CMS aprovou uma proposta geral de programa museológico e respectiva ocupação funcional da Fortaleza. A 4 de Maio de 2006, o espaço foi aberto ao público. O acordo celebrado entre a CMS e a GNR previu a utilização do espaço para realização de eventos. Trata-se do primeiro passo para a transferência deste imóvel para a gestão municipal. Em 2008, a GNR subscreveu a proposta da CMS. Em Abril de 2010 assinou-se o Auto de Restituição da Fortaleza. Nos termos deste compromisso, a GNR restituiu à DGTF o imóvel e, por sua vez, esta autorizou a cedência de utilização ao município, por um período de 87 anos.

Entre 2011 e 2013 decorreram as obras de requalificação, uma intervenção apoiada pelo QREN. Esta intervenção, inicialmente, não tinha como objectivo a instalação do MMS. As obras foram dirigidas pelo arquitecto Armindo Pombo e decorreram em duas fases, usando como referência uma planta, que se acredita ser do período pombalino.

Na primeira fase, foi feita a remoção das estruturas que não faziam parte da construção original, bem como reparação de fachadas, limpeza e restauro de cantarias, impermeabilização dos terraços e dos baluartes. Na segunda fase, foram

realizadas as infra-estruturas, pavimentos e acabamentos, tendo já como pressuposto acolher o futuro Museu Marítimo e o Posto de Turismo. Finalmente, em 2016 foi inaugurado o Museu Marítimo de Sesimbra, nas instalações da Fortaleza.

No que diz respeito à arquitectura, a planta do edifício é poligonal estrelada, composta por um corpo rectangular central, em que nos vértices estão adossados quatro baluartes triangulares. No interior do forte conservam-se ainda várias dependências militares: a residência do Governador; a ala do Governo Militar da Região, entre as duas torres que a delimitam; as divisões destinadas à guarnição, as cisternas, o paiol, a capela e as masmorras.

2.6. MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA – SITUAÇÃO ACTUAL

Este ponto da dissertação visa a análise crítica das actuais instalações do MMS na Fortaleza de Santiago, sob vários critérios: relação entre espaço interior e exterior; espaços comuns à fortaleza e ao museu e espaços exclusivos; acessos e circulação.

Figura 30 | Planta de localização da Fortaleza de Santiago, s/e.
CMS, 2019.

No Diagrama 1, podemos observar aquilo que é o espaço exterior - área cinzenta e espaços interiores do MMS - área azul. O espaço exterior é comum à fortaleza e ao museu. As instalações do MMS desenvolvem-se em corpos diferentes do conjunto de edifícios e em dois pisos.

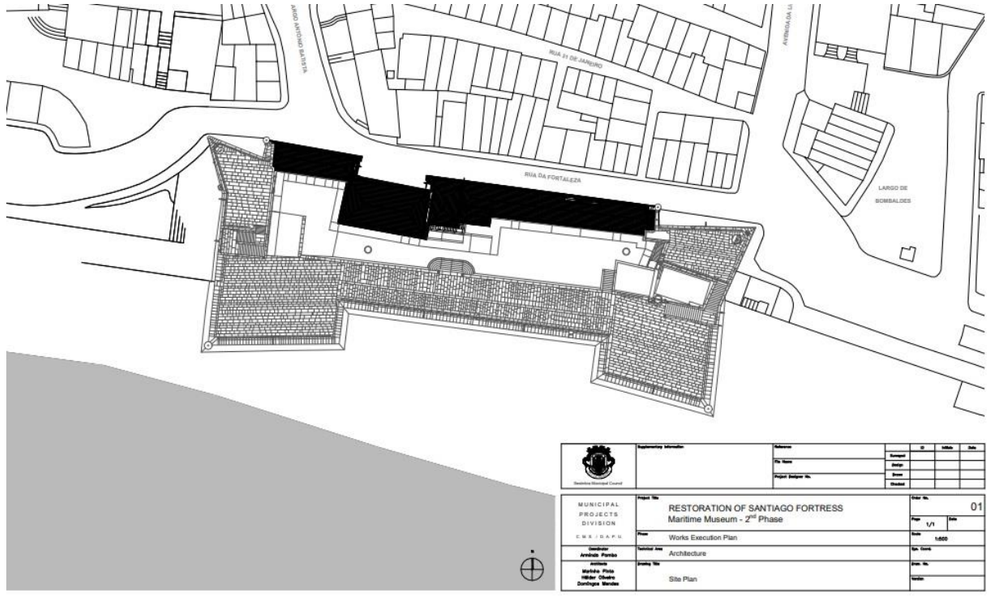


Figura 34 | Planta da Fortaleza de Santiago (2ª Fase da intervenção), s/e.
CMS, 2021.

Figura 33 | Terreiro, Fortaleza de Santiago.
Isabel Conde, 2019.

Figura 32 | Espaço Multiusos, Fortaleza de Santiago.
Isabel Conde, 2019

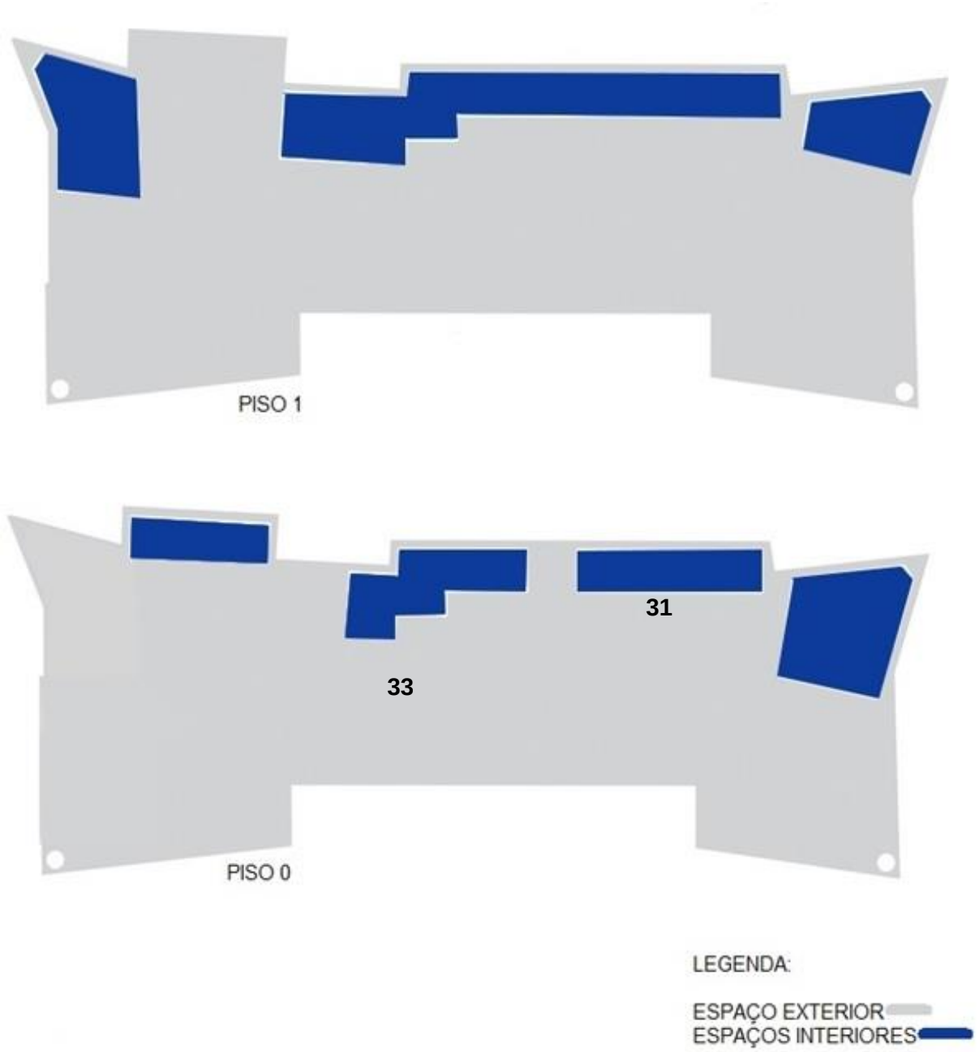


Figura 31 | Diagrama 1 - Planta Esquemática de Espaços Exteriores e Interiores da Fortaleza de Santiago, s/e.
Isabel Conde, 2019.

No Diagrama 2, podemos distinguir o que são espaços exclusivos do museu, espaços comuns aos utentes do museu e da fortaleza e espaços não afectos ao museu. Os espaços comuns são: a Sala Multiusos, as Instalações Sanitárias e a Bilheteira/Loja. Os espaços totalmente independentes e não afectos ao museu são: o Posto de Turismo e o Café com zona de esplanada.

Figura 36 | Espaço exclusivo do MMS.
Isabel Conde, 2019.

Figura 35 | Espaço comum ao MMS e à Fortaleza de Santiago.
Isabel Conde, 2019.

Figura 38 | Espaço não afecto ao MMS.
https://hemisferio.blogs.sapo.pt/, 2019.

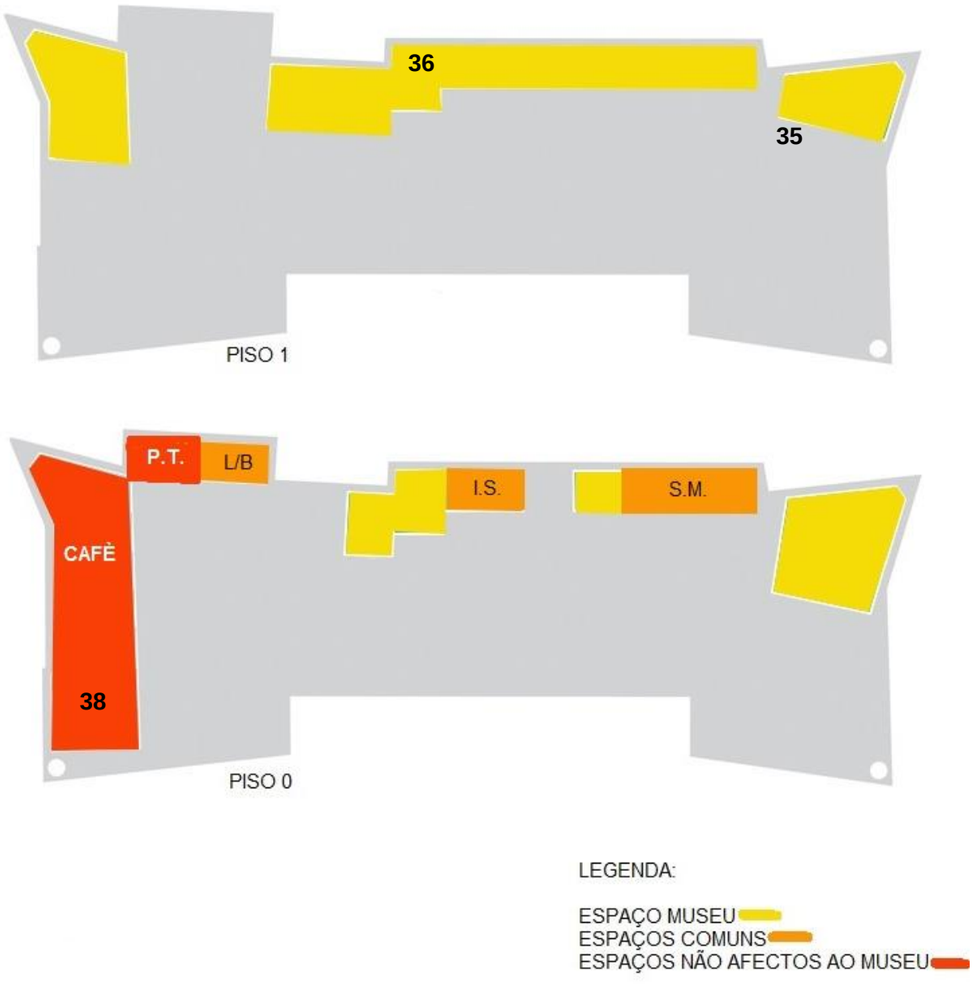


Figura 37 | Diagrama 2 - Planta Esquemática de Espaços do MMS, Espaços Comuns e Espaços não afectos ao MMS, s/e | Isabel Conde, 2019

No Diagrama 3, podemos perceber como é feito o acesso à Fortaleza de Santiago, e portanto, ao MMS. A Rua da Fortaleza é estreita e de sentido único (poente/nascente). A entrada (assinalada com a seta) é feita ao nível do piso térreo e o acesso é exclusivamente pedonal.

Figura 39 | Entrada da Fortaleza de Santiago.
Isabel Conde, 2019.

Figura 42 | Rua da Fortaleza, sentido nascente/poente.
Isabel Conde, 2019.

Figura 41 | Rua da Fortaleza, sentido poente/nascente.
Isabel Conde, 2019.

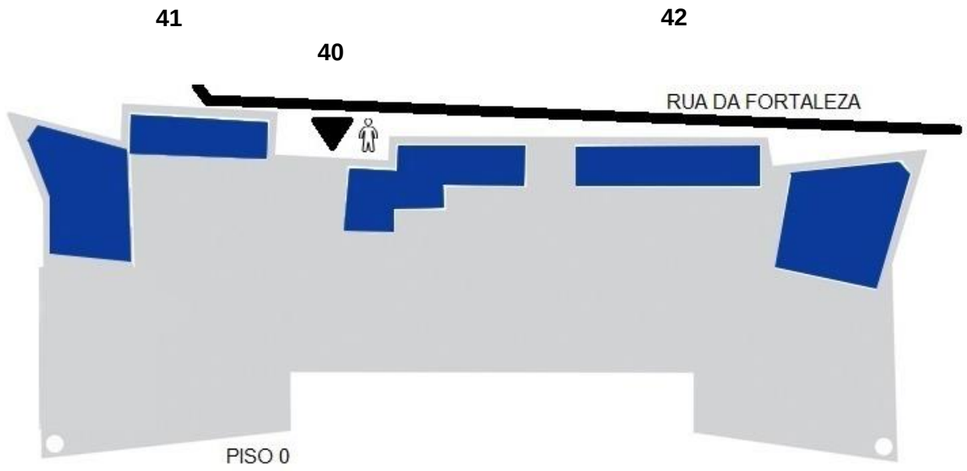


Figura 40 | Diagrama 3 - Planta Esquemática do acesso à Fortaleza de Santiago, s/e.
Isabel Conde, 2019.

Nos Diagramas 4 e 5 está representada a circulação do espaço. Distingue-se o percurso feito desde a entrada na fortaleza, a compra do bilhete e posteriormente, a entrada no museu. O percurso museológico é maioritariamente interior e faz-se sobretudo ao nível do primeiro piso em dois edifícios distintos.

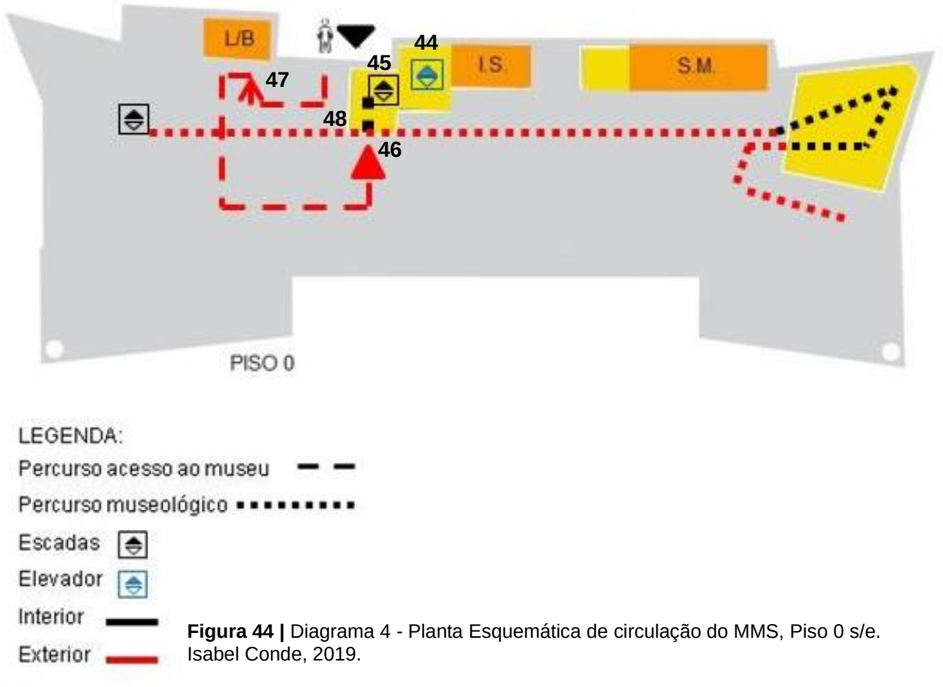


Figura 44 | Diagrama 4 - Planta Esquemática de circulação do MMS, Piso 0 s/e.
Isabel Conde, 2019.

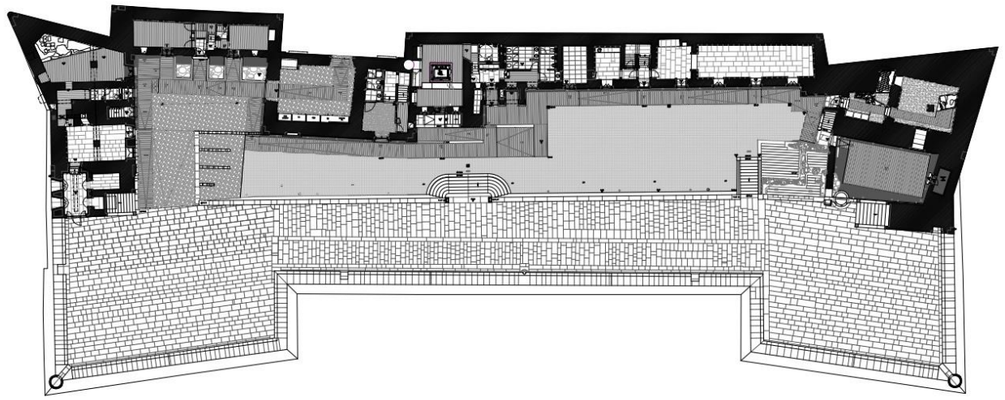


Figura 43 | Planta da Fortaleza de Santiago Piso 0 (2ª Fase da intervenção), s/e.
CMS, 2021.

Figura 49 | Entrada da Fortaleza de Santiago.
Isabel Conde, 2019.

Figura 48 | Acesso à Bilheteira/Posto de Turismo e à Loja .
Isabel Conde, 2019.

Figura 47 | Entrada MMS.
Isabel Conde, 2019.

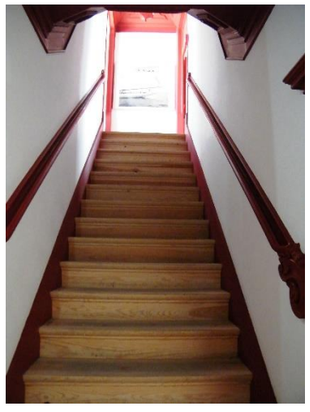


Figura 46 | MMS - Início do percurso museológico.
Isabel Conde, 2019.

Figura 45 | MMS - Acesso ao elevador.
Isabel Conde, 2019.

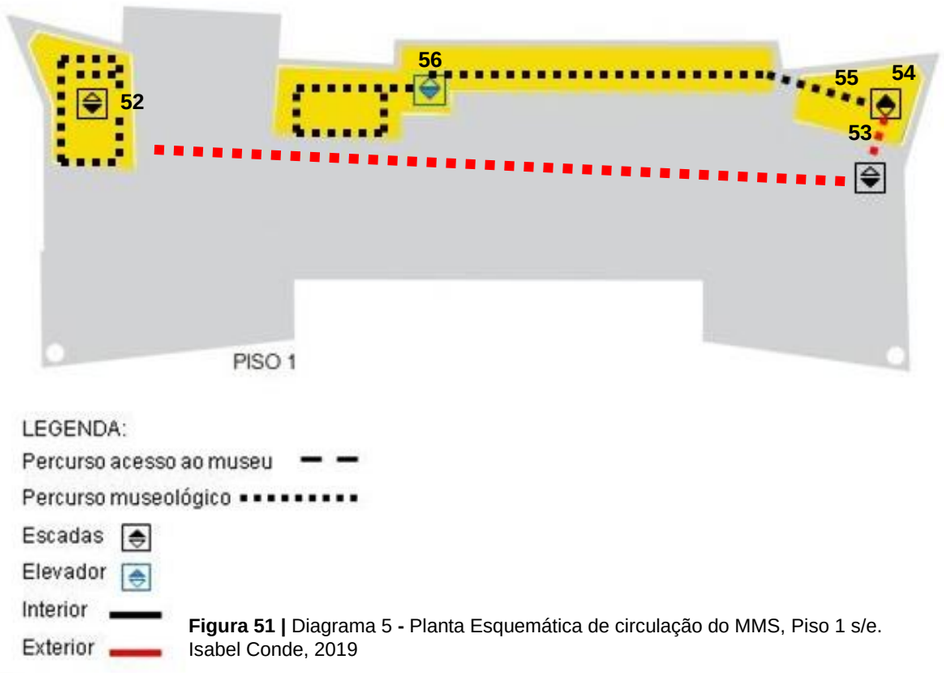


Figura 51 | Diagrama 5 - Planta Esquemática de circulação do MMS, Piso 1 s/e.
Isabel Conde, 2019

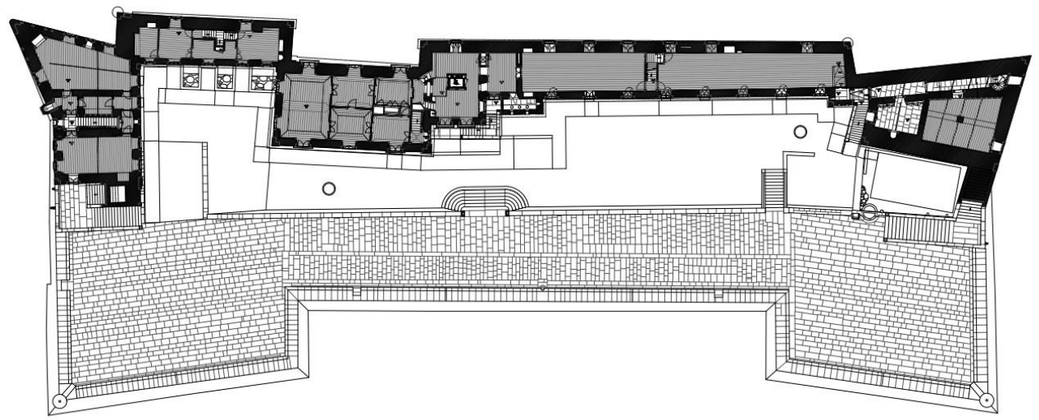


Figura 50 | Planta da Fortaleza de Santiago Piso 1 (2ª Fase da intervenção), s/e.
CMS, 2021.

Figura 56 | Acesso ao elevador
Isabel Conde, 2019.

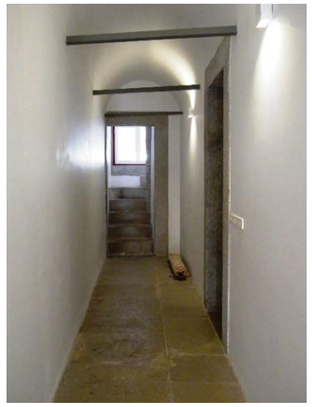


Figura 55 | Acesso às escadas para saída da 1ª parte do percurso museológico.
Isabel Conde, 2019.

Figura 54 | Saída da 1ª parte do percurso museológico feita por escadas em caracol.
Isabel Conde, 2019.

Figura 53 | Parte do percurso exterior.
Isabel Conde, 2019.

Figura 52 | Acesso à 2ª parte do percurso museológico.
Isabel Conde, 2019.

Um museu de hoje, pensado para o século XXI, tenha sido criado agora ou não, deverá comprometer-se com aspectos e preocupações da cultura e sociedade contemporâneas. Um dos principais objectivos de um museu é trazer benefícios e provocar mudanças nos seus visitantes, logo não deve ser considerado de forma simplista, como um contentor onde colocamos um acervo.

Segundo Mário Moutinho (Moutinho 2001), a museologia define-se como um meio de intervenção social e de comunicação ao serviço do desenvolvimento das comunidades que serve, não se limitando às tarefas tradicionais em que tantas vezes é colocada e que reduzem o museu à simples condição de armazém de objectos. Esta visão implica que se questionem constantemente as suas funções e propósitos e é nesse sentido que surge esta análise crítica.

Dos diagramas previamente apresentados e tendo em conta a legislação específica como a Lei-quadro dos Museus Portugueses, RGEU, Regulamento de Acessibilidades e fazendo uso do sentido crítico de uma futura profissional de arquitectura, apresenta-se a análise e as consequentes conclusões.

Como anteriormente referido, o MMS tem as suas instalações num edifício militar do séc. XVII, que apesar de ter sido sujeito a obras de requalificação, as mesmas não conseguiram dar resposta a todos os requisitos necessários.

Um museu deve ser acessível a todos os visitantes, independentemente de suas necessidades físicas, sensoriais ou cognitivas. Isso pressupõe a existência de rampas, elevadores, sinalização clara, informações em formatos alternativos, além de programas e recursos adaptados para pessoas com deficiência. Como podemos verificar no diagrama 5, existem trajectos do percurso do museu cujo acesso apenas é possível por escadas, não havendo qualquer outra alternativa, este é um factor que automaticamente exclui qualquer visitante com mobilidade condicionada. Ainda no que diz respeito à acessibilidade, mas de um ponto de vista logístico, o facto de não existir um estacionamento próprio junto ao museu, e o acesso ser exclusivamente pedonal, dificulta bastante o transporte e colocação de peças do acervo de maiores dimensões, que vêm da reserva, ou que são propriedade de outras entidades.

Em termos de conservação e preservação, um museu deve ter medidas adequadas para as suas colecções. Isso inclui o controlo de temperatura e humidade, iluminação adequada, segurança contra roubos e danos, além de políticas de conservação documentadas e aplicadas. Actualmente, as condições em que se encontram algumas das reservas, estão longe de ser as desejáveis, do ponto de vista técnico. Como ficou subentendido, as reservas não se encontram nas mesmas instalações do museu. Estão distribuídas por diversos espaços na vila, segundo as suas categorias: a reserva documental fica no AMS, as reservas etnográfica e arqueológica estão acondicionadas nas antigas instalações

provisórias do museu - pavilhões pré-fabricados, onde é difícil controlar algumas infestações de origem biológica. Só recentemente, desde de Junho de 2022, começou a ser feito o trabalho técnico de preparação das colecções de etnologia, arqueologia e paleontologia, que fazem parte das reservas.

Existem também défices em termos de áreas e dimensões. O espaço de exposição é muito limitado, assim como os espaços de circulação, tendo em conta o fluxo de visitantes. Não existe no museu nenhum espaço para funcionários, ou uma zona técnica de apoio.

Dadas as actuais circunstâncias, existe um projecto em desenvolvimento, a criação do Centro Cultural Costeiro (uma extensão do Museu Marítimo de Sesimbra), co-financiado pelo EEA Grants[4], cujo objectivo passa por dinamizar a economia local, promover a pesca sustentável e a identidade da actividade piscatória, salvaguardar ofícios tradicionais, como a construção naval em madeira, valorizar o património cultural marítimo, implementar novas tecnologias para transformação de pescado e incentivar a produção de conhecimento sobre o mar, através da criação de parcerias com entidades norueguesas e locais. Este pólo do museu ficará instalado num edifício do séc. XX (cuja função original era a habitação,) localizado na rua Aníbal Esmoriz. O edifício é composto por três pisos, mais um sótão, e o que está previsto é: no piso 0 recriar uma mercearia antiga e instalar as reservas visitáveis, assim como as peças de grandes dimensões; o piso 1 será também dedicado a reservas visitáveis; no piso 2 existirá um auditório e um espaço de serviço educativo; no sótão ficarão os serviços administrativos. A circulação principal será feita por uma coluna de acessos central.

[4] EEA Grants – Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu

3. NOVO MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA

O espaço em que vivemos, que nos tira de nós mesmos, em que a erosão de nossas vidas, do nosso tempo e da nossa história ocorre, o espaço que nos rói e nos arranha, é também, um espaço heterogéneo. Noutras palavras, nós não vivemos numa espécie de vazio, dentro do qual nós podemos colocar indivíduos e coisas. Nós não vivemos dentro de um vazio que pode ser colorido com diversos tons de luzes, nós vivemos dentro dum conjunto de relações que delineiam lugares que são irredutíveis a um outro e absolutamente não sobreponíveis a outro.

(Foucault e Miskowiec 1986)

3.1. NOVO MUSEU: A ESCOLHA DO LUGAR

A escolha do lugar para a implantação da proposta para novo museu, prende-se sobretudo com a ideia do museu associado a percursos, sejam eles percursos de memória, simbólicos ou físicos, ainda que não identificados como percursos museológicos.O percurso que conduziu à escolha do lugar faz-se entre os dois fortes que marcam a paisagem de Sesimbra, a Fortaleza de Santiago situada no centro da vila e o Forte de São Teodósio no extremo poente (actualmente, este é um espaço residual não valorizado).

Figura 57 | Imagem aéra da baía de Sesimbra com os dois fortes assinalados a laranja; a tracejado vermelho, está assinalada a localização do cais primitivo; a tracejado verde está assinalada a localização do novo museu.
Google Earth 2021

Este trajecto coincide com o movimento de deslocação daquele que foi o cais primitivo no centro da baía, para o porto de abrigo construído na zona poente, em meados do séc. XX.

O lugar escolhido como proposta para implantar o novo museu procura colmatar as críticas feitas às instalações do actual museu. Assim, os pressupostos tidos em conta nessa escolha foram:

Contexto e envolvente - A localização proposta, tem um enquadramento paisagístico natural e construído. Na zona envolvente ao lugar de implantação encontramos diversos tipos de equipamentos: serviços e comércio.

O Porto de Abrigo ocupa a área com maior dimensão. Trata-se de uma estrutura artificial construída em quatro fases distintas num período compreendido entre 1949 e 2000, e a sua área desenvolve-se entre o quebra-mar exterior de abrigo, enraizado junto ao Forte de São Teodósio, e o esporão situado em frente do Hotel do Mar. O porto de Sesimbra é constituído por um conjunto de infra-estruturas portuárias: as obras de abrigo; o sector de pesca; o sector de construção e reparação naval; o sector do recreio náutico; o sector de uso comum e o sector não portuário. É o centro da actividade de embarcações que diariamente cruzam o molhe na ida para a faina, e é o local mais indicado para poder conhecer as artes de pesca e actividades marítimas de recreio.

Figura 58 | Vista sobre o Porto de Abrigo.
Isabel Conde, 2021.

O Clube Naval de Sesimbra, fundado em 1930 e declarado em 1982 como instituição de utilidade pública, está actualmente localizado na zona do Porto de Abrigo. Esta instituição desenvolve actividades de apoio aos desportos náuticos, assim como em toda a actividade de lazer relacionada com o mar.

Figura 59 | Edifício do Clube Naval de Sesimbra.
Isabel Conde, 2021.

Entre essas actividades podemos destacar: Escola de Vela; Escola de Canoagem, Escola de Navegação e de Recreio; Pesca Desportiva; Mergulho e Caça Submarina.

Nas imediações do Porto de Abrigo fica também o Parque Municipal de Campismo do Forte do Cavalo (nome pelo qual também é conhecido o Forte de São Teodósio). O parque encontra-se na zona limítrofe a norte do Forte.

Por fim, é de assinalar a primeira e mais antiga presença naquele local, o Forte de São Teodósio, também denominado como Forte da Ponta do Cavalo ou Forte do Cavalo. A sua construção teve início 1648 e foi concluída em 1652, com projecto atribuído ao arquitecto e engenheiro militar Sebastião Pereira de Frias e dedicado ao Príncipe D. Teodósio. A estrutura do forte sofreu danos decorrentes do terramoto de 1755. Foi utilizado com a sua função militar até 1895, altura em que começaram as obras de instalação do actual farol, na chamada Bateria Alta, começando a funcionar em 1896, com o propósito de sinalizar a entrada do porto de Sesimbra. Em 1976, foram executadas obras de reconstrução e de adaptação pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a pedido da Direcção-Geral de Faróis. Foi considerado como Imóvel de Interesse Público por decreto em 1978, foram-lhe procedidas novas obras de recuperação e beneficiação em 1981-1983, 1986 e 1991.

Actualmente, o Forte está afecto ao Ministério da Defesa Nacional, Marinha de Portugal e as suas dependências são utilizadas como residência do faroleiro. Uma visita ao Forte é possível, com a devida autorização do MDN. Em termos arquitectónicos, o forte foi originalmente erguido em alvenaria de pedra e tijolo e tem planta poligonal irregular. O acesso principal é feito por um portão simples de volta inteira e no interior da Praça de Armas ergue-se uma torre de planta circular, com terraço. É ladeada por edifícios recentes que, portanto, não fazem parte do projecto original, e onde habita o faroleiro. Nas extremidades do Forte erguem-se dois baluartes com muralhas em talude. A fortificação primitiva prolongava-se para leste, esse trecho da edificação foi destruído aquando da construção do porto de abrigo e da respectiva estrada que lhe dá acesso.

Figura 60 | Forte de São Teodósio (também conhecido como Forte da Ponta do Cavalo ou Forte do Cavalo). Isabel Conde, 2021.

Esta proximidade entre o museu e os equipamentos/actividades acima referidos permite um maior envolvimento com a comunidade piscatória e marítima de Sesimbra.

Neste momento, a vila de Sesimbra enfrenta desafios relacionados com o estacionamento, devido ao crescimento urbano e também ao aumento do número de visitantes, principalmente durante a época balnear. Esta localização é uma ajuda nesse sentido, pois pode ser acedida por vias que não passam, obrigatoriamente, pelo centro da vila, evitando o congestionamento automóvel, sendo possível a implementação de uma área de estacionamento adequada ao edifício, que atenda às necessidades dos seus funcionários e visitantes. Como alternativa mais sustentável, existe uma rede de transportes públicos passível de ser utilizada, assim como o acesso pedonal.

Potencial de desenvolvimento – Pelo facto de esta ser uma localização descentralizada e de baixa densidade urbana, existe a possibilidade de criar um edifício de raiz para o museu.

3.2. PROGRAMA PARA O NOVO MUSEU

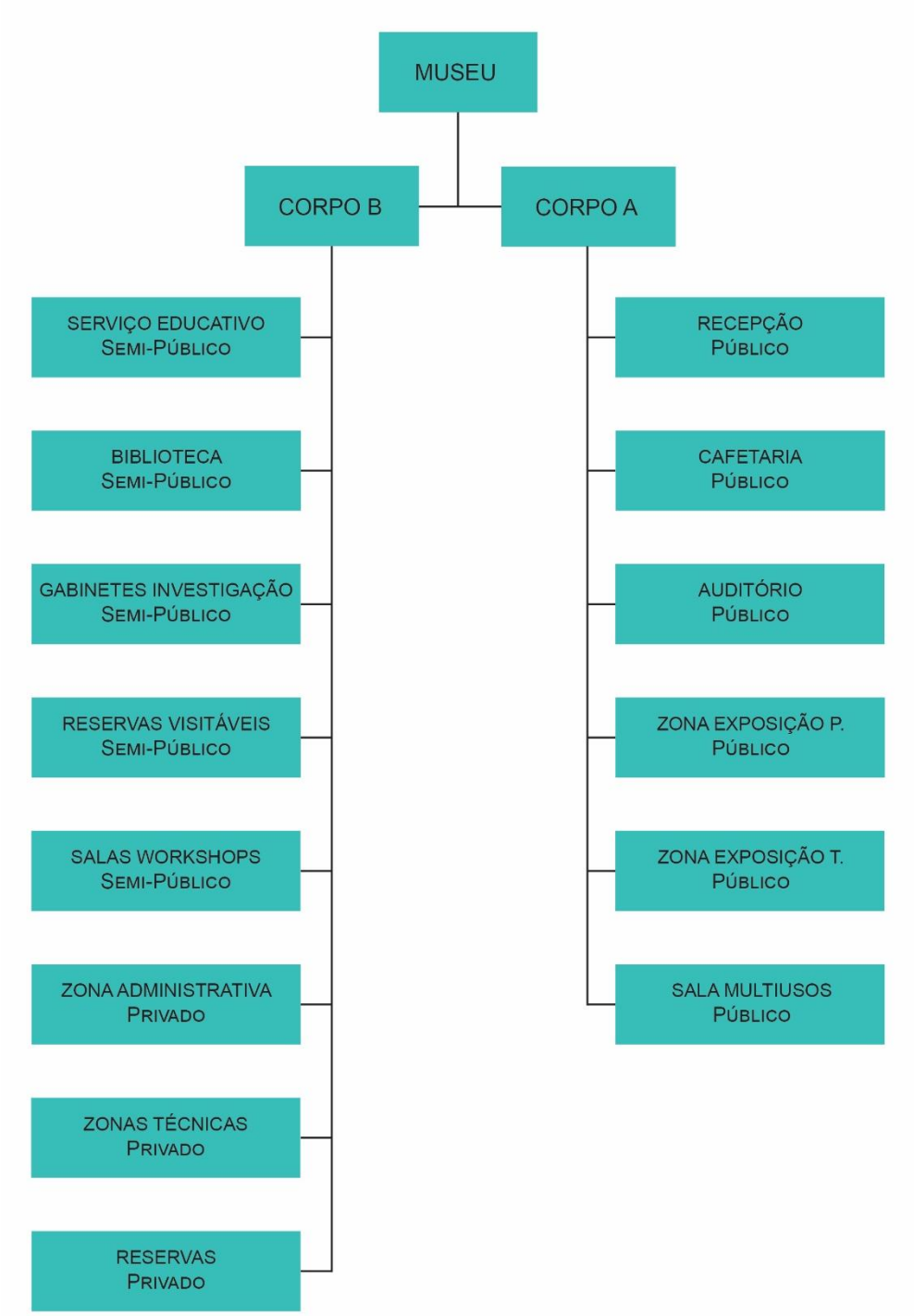


Figura 61 | Organograma do Museu.
Isabel Conde, 2023

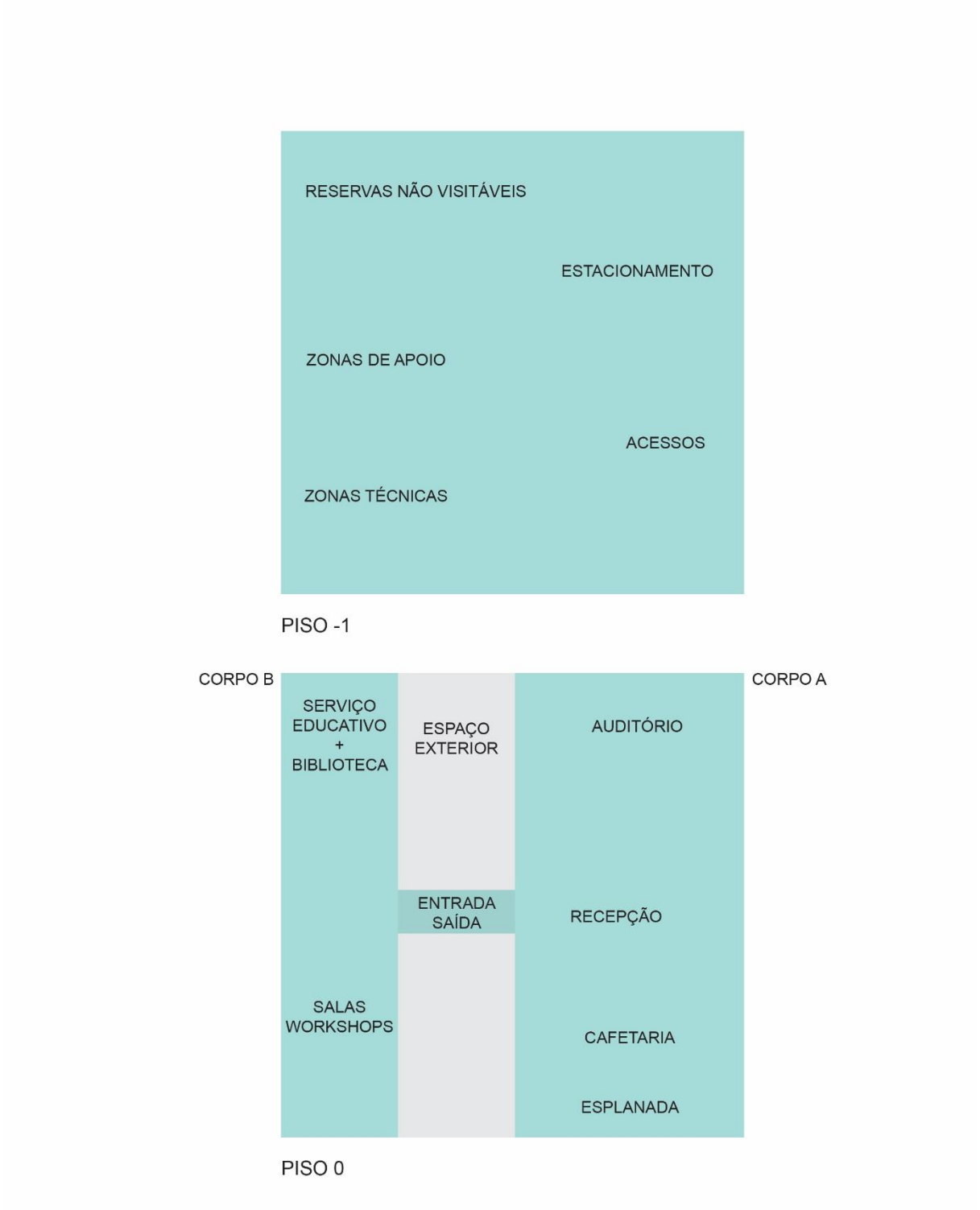


Figura 62 | Esquema de distribuição e organização de espaços que serviu de base para o desenvolvimento do projecto do museu, Piso -1 e 0, s/e.
Isabel Conde, 2023.

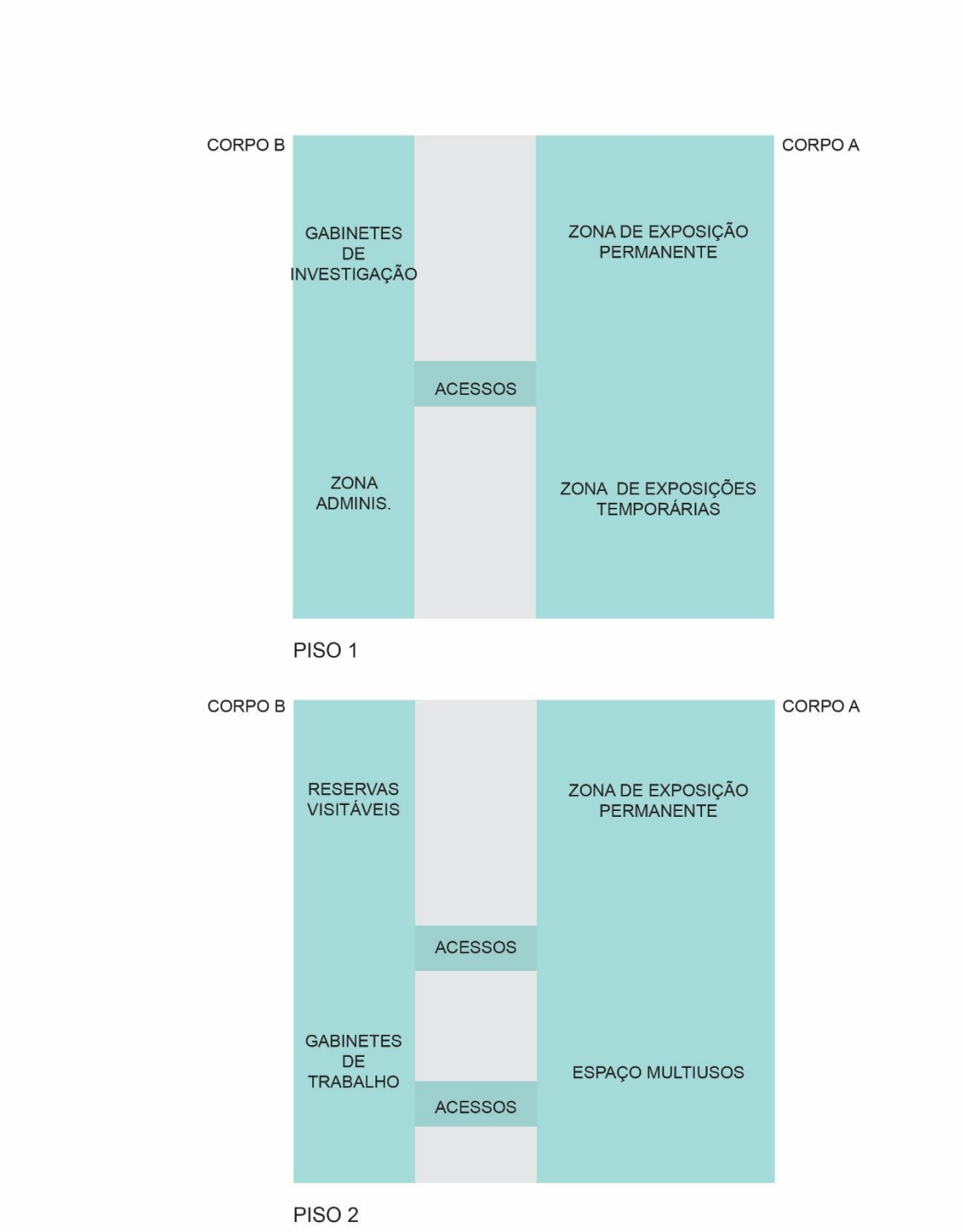


Figura 63 | Esquema de distribuição e organização de espaços que serviu de base para o desenvolvimento do projecto do museu, Piso 1 e 2 s/e.
Isabel Conde, 2023.

Museu

Corpo A - Piso 0

Guarda-vento: 14.90 m²
Recepção/Bilheteira: 41.60 m²
Bengaleiro: 9.50 m²
Circulação/Zona Técnica (Q.E.+Seg.): 21.50 m²
Arrumo: 3.50 m²
I.S. funcionários: 3 m²

Corpo A - Piso 1

Hall geral de piso: 82.20 m²
Sala de Exposição Permanente: 263.50 m²
Gabinete de Guias: 7.90 m²
Arrumo: 16.50 m²

Corpo A - Piso 2

Hall geral de piso: 105.10 m²
Sala de Exposição Permanente: 263.50 m²
Gabinete de Guias: 7.90 m²
Arrumo: 16.50 m²

Sala de Exposições Temporárias: 211 m²
Arrumo: 14.40 m²
Zona de apoio: 11.80 m²
Zona técnica: 5.30 m²
I.S. funcionários: 1.20 m²

Corpo B - Piso 2

Hall geral de piso/Zona Técnica (Q.E.+Seg.): 44.40 m²
Sala de Reservas Visitáveis: 66.40 m²
Arrumos 1 a 4: 21.90 m²
Sala Polivalente: 16.70 m²

Museu - Espaços públicos não expositivos

Corpo A - Piso 0

Auditório (141 lugares): 178.80m²

Sala de projecção + Arrumo + Zona de Apoio + I.S.: 21 m²

Hall do auditório: 86.30 m²

Corpo A - Piso 1

Sala Multiusos: 236.20 m²

Arrumo: 14.40 m²

Zona de apoio: 11.80 m²

Zona técnica: 5.30 m²

I.S. funcionários: 1.20 m²

Museu - Serviços Educativos

Corpo B - Piso 0

Recepção: 12.70 m²

Arrumo: 2.70 m²

Biblioteca: 92.10 m²

Sala de formação: 23.20 m²

Corpo B - Piso 1

Hall geral de piso/Zona Técnica (Q.E.+Seg.): 44.40 m²

Gabinetes de Investigação 1 a 7: 74.90 m²

Arrumos 1 e 2: 15.80 m²

Museu - Serviços Administrativos

Corpo B - Piso 1

Open Office: 37.50 m²

Gabinetes 1 a 4: 46.80 m²

Gabinete Direcção + I.S.: 20.20 m²

Sala de reuniões: 34.10 m²

Museu - Serviços Técnicos

Corpo B - Piso 2

Open Office: 49.20 m²

Gabinetes 1 a 3: 34.40 m²

Sala do Bastidor/Informática: 12.40 m²

Corpo B - Piso -1

Hall Zona Reservas/Arquivo: 36.50 m²

Gabinete: 5.50 m²

Hall /Zona Técnica (Q.E.+Seg.): 9.70 m²

Hall Cais Cargas/Descargas: 13.40 m²

Arrumos Chegadas/Partidas: 13.90 m²

Oficina (Conservação/Restauro): 33.80 m²

Reservas não visitáveis: 48.30 m²

Depósito/Arquivo: 11.60 m²

Oficina Multiusos: 13.50 m²

Arrumos Produtos/Economato: 5.60 m²

Museu – Zonas Técnicas do Edifício

Corpo A – Piso -1

Hall: 5.20 m²

Z.T. Segurança: 9.70 m²

Z.T. Energia: 9.30 m²

Z.T. Esgotos: 12.40 m²

Z.T. Águas: 10.60 m²

Sala do gerador: 23.40 m²

Museu – Espaços Semi-Públicos

Corpo B – Piso 0

Sala de Workshop: 22.50 m²

Sala de Workshop: 22.50 m²

Sala de Workshop: 23.20 m²

Espaços Públicos

Corpo A – Piso 0

Loja: 22.80 m²

Cafetaria – Balcão: 14.40 m²

Cozinha: 6.20 m²

Arrumos/Apoio/I.S.: 11.90 m²

Salão: 128.70 m²

Bar: 7.20 m²

Esplanada: 79 m²

Corpo A – Piso -1

Cafetaria – Arrumo: 18.20 m²

Espaços Públicos - Serviços

Corpo A – Piso 0

I.S.S.: 12 m²

I.S.H.: 12 m²

Arrumos Limpezas: 2.40 m²

Corpo A – Piso 1

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Arrumos Limpezas: 2.40 m²

Corpo A – Piso 2

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Arrumos Limpezas: 2.40 m²

Corpo B – Piso 0

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Arrumos Limpezas: 2.70 m²

Corpo B – Piso 1

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Corpo B – Piso 2

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Zonas de Apoio aos Funcionários

Corpo B – Piso -1

I.S.S.: 9.50 m²

I.S.H.: 9.50 m²

Copa: 11.60 m²

Balneários S.: 16.80 m²

Balneários H.: 16.80 m²

Arrumo de limpezas: 1.10 m²

Corpo B – Piso 2

Copa/Sala de repouso: 42.70 m²

Sala de convívio: 31 m²

Balneários H.: 16.80 m²

Arrumo de limpezas: 1.10 m²

Zonas Complementares

Piso -1

Portaria/Segurança + I.S.: 17 m²

Garagem 24 lugares + Cais Cargas/Descargas: 1113.14 m²

Casa Lixos.: 18.60m²

Antecamara + Hall Elevador: 13.50 m²

I.S. Funcionários: 2 m²

Arrumo geral: 15.50 m²

Comunicações Verticais

Corpo A

Elevador A1 – Público

Elevador A2 – Serviço

Escada A1 – Piso 0 a 2

Escada A2 – Piso -1 a 2

Corpo B

Elevador B1 – Público

Elevador B2 – Monta-cargas

Escada B1 – Piso -1 a 2

3.3. PROPOSTA PARA O NOVO MUSEU

O conceito para o novo museu tem origem na observação e interpretação do lugar. É um somatório entre um quadrado base de 40x40 metros (determinado através de um traçado geométrico especulativo que tem como referência o forte) que define a àrea de implantação, a topografia (em particular a linha de água assinalada no esquiço, que “rasga” o quadrado e indica a direcção do mar) e a relação com o Forte de São Teodósio.

Figura 64 | Esquiço.
Isabel Conde, 2019

A implantação do edifício, resulta da relação entre diversos factores. Os factores fundamentais, foram: a topografia, a relação com o forte e eixos visuais. O posicionamento do edifício no terreno obrigou a que houvesse nivelamento do mesmo, em determinadas zonas.

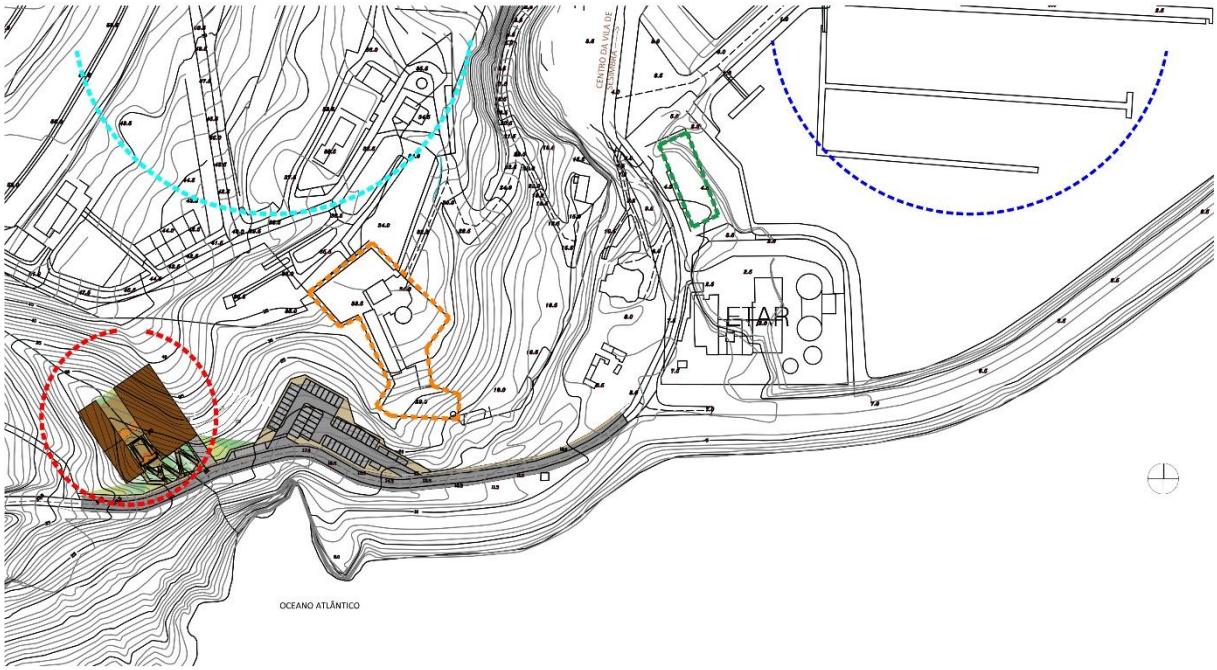


Figura 65 | Planta de Implantação, s/e.
Isabel Conde, 2019

O desígnio inicial e que se manteve, foi criar uma volumetria simples que não rivalizasse com o forte e que não surgi-se como uma ruptura na paisagem, mas como continuidade. À semelhança do forte, o museu “observa” o mar e a faina, mas também é uma referência na paisagem da linha costeira.

Foram analisados os acessos viários e pedonais existentes, as condições que apresentam actualmente, estando longe de serem as ideais, justificam a a intervenção proposta, tanto a nível de vias como de estacionamento.

Procurou conjugar-se a relação entre a orientação solar e eixos visuais, resguardando os espaços de exposição de luz intensa e privilegiando espaços como o multiusos e a cafeteria com a paisagem, ficando a frente do museu virada a sul.

O edifício do museu organiza-se em dois volumes diferentes em termos de dimensão, criando uma hierárquia espacial, mas que se unem num espaço exterior comum, assim como nas circulações horizontais. A organização dos espaços resultou da reflexão sobre as suas funções, tal como da articulação entre fluxos e circulação. A distinção entre os dois volumes acontece com o objectivo funcional de que se possam articular de forma dinâmica, seja em conjunto, ou de forma autónoma.

No que diz respeito à estrutura, o edifício tem como referência o seu esqueleto em betão e vidro, com revestimentos metálicos (zinco/alumínio), igualmente usados, nos meios de ensombramento das grandes áreas envidraçadas com estores de lâminas horizontais, excepto nos alçados virados a sul.

CONCLUSÃO

A investigação desenvolvida e a proposta de projecto apresentada para o Museu Marítimo de Sesimbra procuram responder à questão colocada inicialmente: “De que forma pode a arquitectura de um museu representar uma abordagem topológica do lugar?". Nesse sentido, foi considerada a integração do museu com o contexto do território onde está inserido (tendo em conta as características topográficas, urbanas e da paisagem), com o objectivo de criar uma relação sintagmática entre museu e comunidade local.

A reflexão sobre estudos realizados acerca dos conceitos teóricos, assim como as observações sobre a vila de Sesimbra, foram essenciais para a compreensão do lugar e para a escolha do local de implantação do edifício. A análise dos casos de estudo, bem como as observações feitas às actuais instalações do museu, revelaram-se fundamentais na definição do programa e, posteriormente, para a realização da proposta arquitectónica.

O edifício deve comprometer-se com várias premissas: atender às necessidades programáticas do Museu Marítimo de Sesimbra enquanto instituição cultural, expressar-se como uma obra de arquitectura e contribuir para a interpretação e dinamização das exposições exibidas. O projecto apresentado pretende confirmar o lugar através da arquitectura, na expectativa de que o edifício venha a ser o ponto de partida, ou de chegada, para vários percursos museológicos, afirmando o museu como experiência e não como evidência, contrariando a ideia de que um museu é apenas um espaço de exposição.

O museu hoje deve cumprir diversas missões, como tal é de extrema relevância que o espaço arquitectónico consiga conjugar a necessidade de conservar e preservar o património material, mas também valorizar e divulgar o património imaterial, sendo um facilitador da transmissão de conhecimento. Esta vertente dinâmica aproxima a instituição da comunidade local, democratiza a cultura e é um apelo para diferentes públicos, devendo também promover a inclusão social.

Daí a importância de se olhar para o MMS de um ponto de vista crítico e analítico, para que o mesmo possa evoluir para a sua real capacidade enquanto espaço e instituição, nunca esquecendo o passado, mas agindo no presente e projectando-se no futuro.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, José Jaime – Sesimbra Costa Azul de Portugal. Câmara Municipal de Sesimbra, 2004.

C.M.S – O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra. Câmara Municipal de Sesimbra, 2009.

CULLEN, Gordon – Paisagem Urbana. Edições 70, 2006.

CRUZ, Maria Alfreda – Pesca e Pescadores em Sesimbra – Contributo para a Narrativa do Concelho. Câmara Municipal de Sesimbra, 2009.

FERNANDEZ, L. Alonso - Introduccion A La Nueva Museologia. Alianza,1999.

GUERRA, Joaquim Preto – Estudos históricos e outros escritos. Câmara Municipal de Sesimbra / Pelouro das Bibliotecas Municipais, 2006.

MUMFORD, Lewis - A Cidade na História – suas Origens, Transformações e Perspectivas. Martins Fontes, 1998.

MUNTAÑOLA THORNBERG, Josep - La Arquitectura como lugar. Barcelona: Edicions UPC,1996.

MUNTAÑOLA THORNBER, Josep - Topogénesis – Fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: Edicions UPC, 2000.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture. London: Academy Editions, 1980.

LE CORBUSIER - Towards a new architecture. New York: Dover Publications, Inc., 1986.

PORTOCARRERO, Gustavo – Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna – Uma visão social. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; Serrão, Vítor - Sesimbra Monumental e Artística. Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.

ZEVI, Bruno – Saber ver a arquitectura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZUMTHOR, Peter – Pensar a arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A. , 2005.

BASE CARTOGRÁFICA FORNECIDA POR:

C.M.S., Câmara Municipal de Sesimbra (2008, 2019)

DOCUMENTOS LEGAIS CONSULTADOS

C.M.S., Câmara Municipal de Sesimbra – Plano Director Municipal; Disponível em: https://www.sesimbra.pt/viver/urbanismo/planos-e-programas-territoriais

Decreto-Lei n.º 38 382 de 7 de Agosto de 1951: Aprova o Regulamento geral das edificações urbanas.

Decreto-Lei n.º 125/2017
Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto: Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses.
Legislação Citação Artigo 5º do DL 380/99 de 22 de setembro na redação atual Ou Citação: (DL 380/99, Artigo 5º) Ou Itação: (Artigo 5º do RJIT) Referência Decreto-Lei n.º 380/99 de 22 de setembro. Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão territorial (RJIT).

SÍTIOS CONSULTADOS

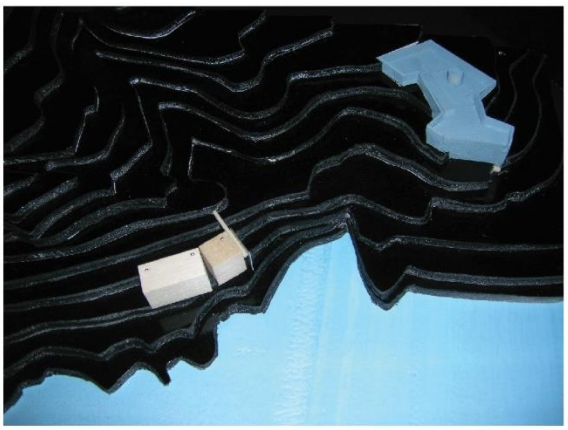
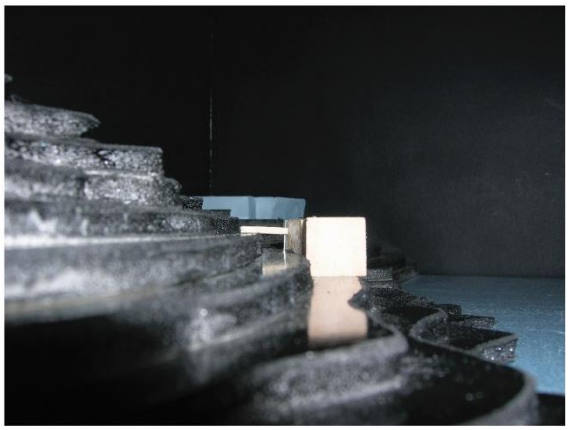
https://apom.pt/
https://earth.google.com/web/search/Sesimbra/@38.43830738,-9.10284981,-0.75576148a,4209.91647548d,35y,0.00000001h,0t,0r
https://icom-portugal.org/
https://www.sesimbra.pt/

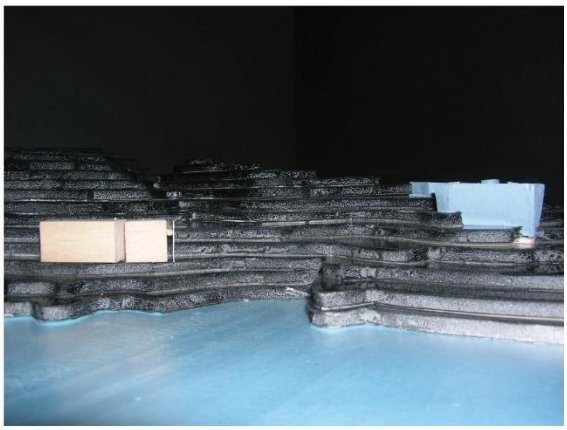
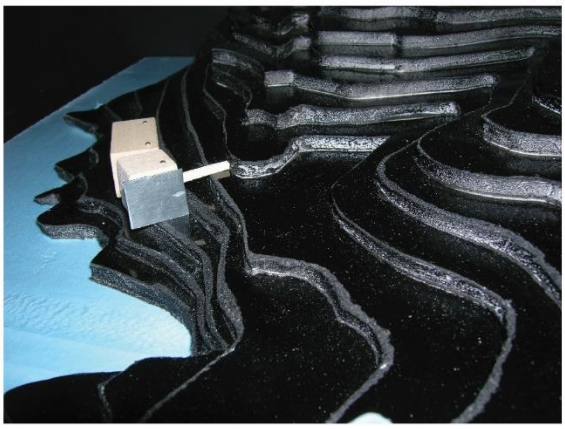
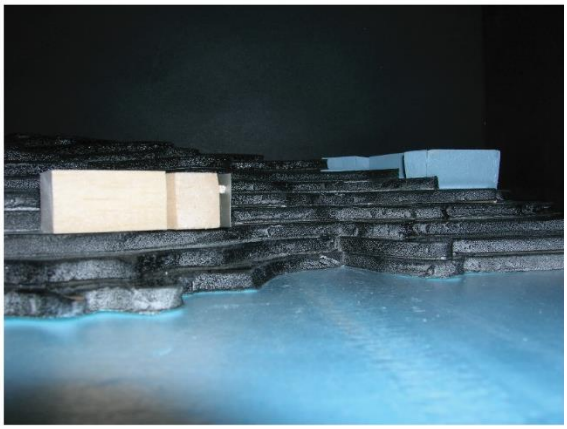
PERIÓDICOS

MONEO, Rafael – “On Typology”, A Journal for Ideas and Criticism in Architecture - Oppositions, vol. 13, The MIT Press,1978, pp. 23-45.
Exposição “Sesimbra e o Mar” “Pedra Angular” do futuro museu local?. Boletim Informativo n.º30, Maio 1981, pg. 4-5.

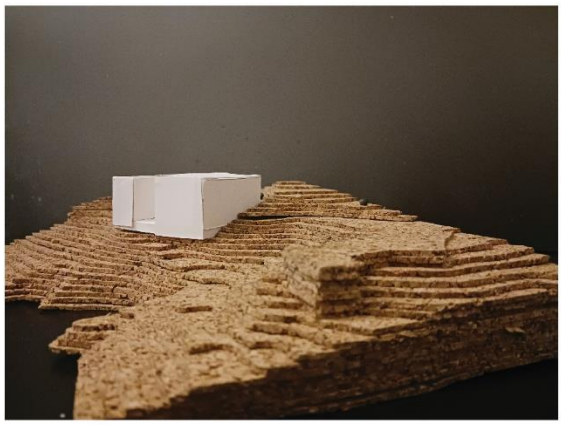
APÊNDICE I - MAQUETAS DE ESTUDO

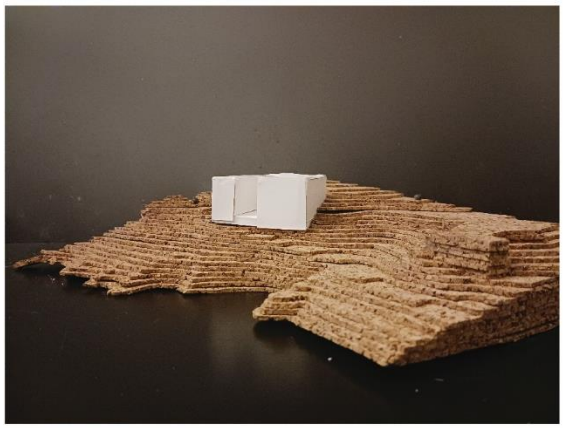
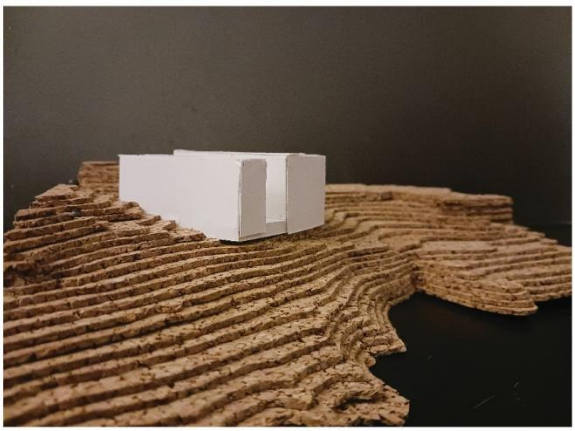
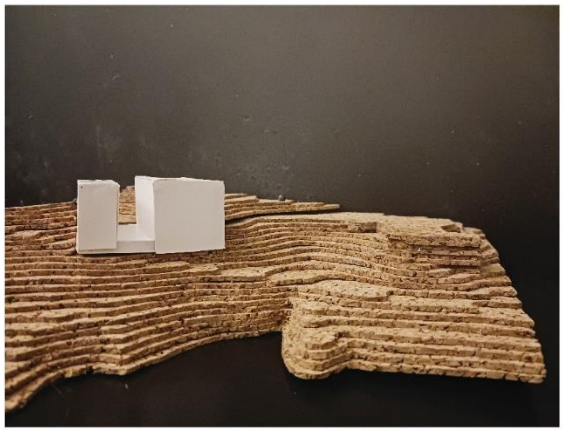
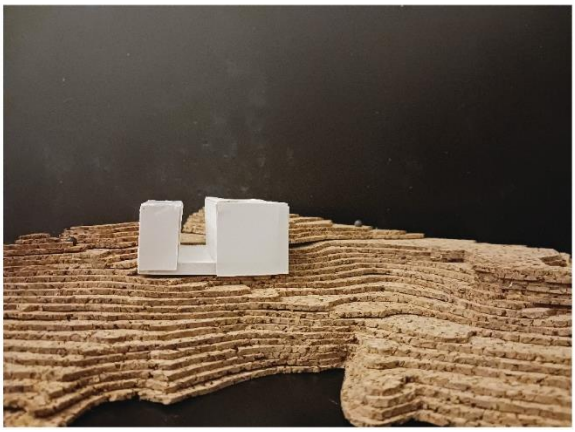
Maqueta de estudo – Exploração da primeira ideia

Maqueta de estudo – Volumetria dos edifícios e topografia



APÊNDICE II - ESTUDO PRÉVIO – MUSEU MARÍTIMO DE SESIMBRA

PEÇAS DESENHADAS

01 Planta de localização – Esc. 1/2000

02 Planta de implantação – Esc. 1/1000

03 Planta de implantação (sobre o levantamento topográfico) – Esc. 1/500

04 Planta de acessos exteriores – Esc.1/200

05 Alçados/Perfis – Esc.1/2000

06 Alçados/Perfis Transversais– Esc.1/2000

07 Planta Piso -1 – Esc.1/200

08 Planta Piso 0 – Esc.1/200

09 Planta Piso 1 – Esc.1/200

10 Planta Piso 2 – Esc.1/200

11 Planta Piso Cobertura – Esc.1/200

12 Alçados (Sul e Nascente) – Esc.1/200

13 Alçados (Norte e Poente) – Esc.1/200

14 Corte 3 (Alçado Poente Corpo A) – Esc.1/200

APÊNDICE III – MAQUETAS FINAIS